UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

ISABELA APARECIDA FRESCHI VIDOTO

PROJETO DE PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000

RIBEIRÃO PRETO
2022

ISABELA APARECIDA FRESCHI VIDOTO

PROJETO DE PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000

Projeto de produto entregue à Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos

RIBEIRÃO PRETO
2022

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

VIDOTO, Isabela Ap. Freschi, 2001-
V654m A mulher no jornalismo esportivo: as conquistas das jornalistas esportivas no estado de São Paulo nos anos 2000 / Isabela Ap. Freschi Vidoto. – Ribeirão Preto, 2022.
76 f. : il. color.

Orientador: Prof.º Dr.º Jefferson Alves de Barcellos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2022.

1. Jornalismo esportivo. 2. Futebol. 3. Mulheres no jornalismo. II. Título.

CDD 070

Dedico este trabalho a minha mãe Angela, ao meu pai Osmair e ao meu irmão Eduardo, que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me permitiu chegar até aqui e por ter me dado forças e esperança nos momentos em que achei que não seria capaz.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, que nunca mediram esforços para me ajudar a realizar meus sonhos e sempre estiveram ao meu lado. Sem vocês, eu não estaria onde estou agora.

Aos meus amigos, que durante esses quatro anos sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me ajudando e me incentivando. Vocês foram essenciais nessa jornada.

Aos meus professores, obrigada por compartilharem conhecimento e sempre mostrar o melhor caminho. Vocês fizeram a diferença e foram fundamentais para a minha formação profissional e pessoal.

Ao meu orientador, Jefferson Barcellos, responsável por me acompanhar durante esse processo, pela confiança e auxílio até a conclusão deste trabalho. Muito obrigada.

E, por fim, a todas as entrevistadas que participaram deste projeto. Vocês são referências. Sem vocês, esse trabalho não existiria. Muito obrigada por tanto!

Ser mulher é saber jogar com as situações, é saber driblar os problemas, defender, ser juíza da própria vida e saber que não existem impedimentos para ser feliz.

- Patrícia Cassol Eickhoff

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo conhecer as histórias das jornalistas esportivas e suas conquistas no Estado de São Paulo por meio de entrevistas em que se discutiram projetos e realizações das jornalistas, os avanços da profissão e sua respectiva suficiência e/ou relevância, a influência que essas profissionais podem exercer sobre meninas que desejam/sonham seguir a profissão. A história do jornalismo esportivo e a inserção da mulher na área foram resgatadas brevemente a fim de ilustrar o passado e os desafios que estas profissionais enfrentaram em um local predominantemente masculino. Neste trabalho multiplataforma, foram apresentadas entrevistas com jornalistas esportivas de diversas áreas, que expuseram suas vivências no jornalismo esportivo, desde a escolha da profissão, os desafios, conquistas e expectativas para o futuro. Os métodos utilizados neste trabalho foram: entrevistas em profundidade, pesquisa bibliográfica e metodologia exploratória e descritiva, a fim de se obterem dados confiáveis e informações atualizadas que mostrassem a realidade da profissão e que permitissem entender por que as jornalistas esportivas enfrentam tantos obstáculos para chegarem ao topo. As entrevistas e as análises já foram realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Esportivo; Jornalismo Esportivo Feminino; Representatividade Feminina; Futebol; Mulheres no Futebol.

ABSTRACT

The present work aimed to know the stories of sports journalists and their achievements in the State of São Paulo through interviews in which projects and achievements of journalists were discussed, the advances of the profession and their respective sufficiency and/or relevance, the influence that these professionals can exert on girls who wish/dream to follow the profession. The history of sports journalism and the insertion of women in the area were briefly rescued in order to illustrate the past and the challenges that these professionals faced in a predominantly male place. In this multiplatform work, interviews were presented with sports journalists from various areas, who exposed their experiences in sports journalism, from the choice of profession, the challenges, achievements and expectations for the future. The methods used in this work were: in-depth interviews, bibliographic research and exploratory and descriptive methodology, in order to obtain reliable data and updated information that would show the reality of the profession and that would allow them to understand why sports journalists face so many obstacles to reach the top. The interviews and analyses have already been conducted.

KEYWORDS: Sports Journalism; Women's Sports Journalism; Female Representation; Football; Women in Football.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Rádio Mulher.....13

Figura 2 – Claudete Troiano entrevista Pelé.....14

Figura 3 – Responsáveis pela transmissão do Derby de Manchester.....15

LISTA DE SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

ESPN – Entertainment and Sports Programming Network

FPF – Federação Paulista de Futebol

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....11

1. **METODOLOGIA.....16**
2. **DETALHAMENTO TÉCNICO.....17**
3. **SINOPSE FINAL.....18**
4. **ROTEIROS FINAIS.....19**
5. **CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....28**
6. **RELATO DE PRODUÇÃO.....29**
7. **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....30**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....32

APÊNDICE.....33

ANEXOS.....66

APRESENTAÇÃO

Historicamente, mulheres lidam constantemente com dificuldades na sociedade, seja no mercado de trabalho, escola e universidades, enfim, na comunidade. Isso se deve ao patriarcado que se mantém vivo em nosso cotidiano. No passado, as meninas eram treinadas para se tornarem donas de casa, cuidarem dos filhos e agradarem seus maridos, enquanto eles iam para o trabalho para garantir o sustento. Mesmo no século XXI e com avanços da sociedade, tivemos uma melhora desse pensamento, porém, muitas mulheres ainda sofrem para conseguirem alguns cargos e empregos, pois são considerados essencialmente masculinos.

No jornalismo não é diferente. Além de lidar com padrões estéticos, mulheres lidam com preconceitos e machismos, diante disso, precisam sempre buscar seus espaços e são sempre postas às provas para confirmarem que são boas e merecem estar ali. Por conta de imposições da sociedade, por muito tempo as mulheres foram vistas como pessoas que não se interessavam por esportes, principalmente os mais "masculinos", como futebol, boxe e fórmula 1.

"No pensamento de muitos, inclusive de estudiosos de Comunicação, a imprensa feminina resume-se em revistas de moda, culinária, fotonovelas, enfim, distração, lazer, consumo, para não dizer alienação" (BUITONI, 1990, p.11). Diante disso, é perceptível que ainda há preconceitos acerca da presença feminina no jornalismo esportivo. Desde o início das mulheres no esporte, há a necessidade de luta por seu espaço e persistência para alcançar posições de destaque. Segundo Silvana Goellner (2012), a história das mulheres no universo esportivo brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. Desde meados do século XIX, elas se fazem presentes nas arenas esportivas como espectadoras e praticantes. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação se ampliou e consolidou.

Em meados do século XIX, o jornalismo esportivo chega ao mercado com revistas e jornais que destacavam os esportes mais vistos e praticados, como natação e boxe. No Brasil, a primeira revista voltada para os esportes foi criada em 1910, intitulada *Fanfulla*[1]. Apenas no final do século XIX e começo do século XX que o futebol ganhou força e destaque no país, graças a organização do futebol e das federações estaduais do esporte. O jornalismo esportivo, por sua vez, vem passando por alterações desde o século XX, priorizando o futebol, esporte mais popular no país, nos veículos impressos, rádios e digital. Devido as transmissões de jogos pela televisão, o futebol passou a ser transmitido como um espetáculo, principalmente nas

[1] Periódico produzido por italianos, não era voltado para a elite e nem formava opinião. Fonte: Universidade do Futebol. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/2007/08/02/o-nascimento-do-jornalismo-esportivo-brasileiro-na-decada-de-1910/. Acesso em: 04/10/2022.

Copas, e a internet contribui para isso, já que permite a transmissão de jogos em tempo real e em várias plataformas e sites.

Segundo Ramos (2010), Dionísia Gonçalves Pinto foi a pioneira do jornalismo feminino no Brasil. Nísia colaborou para a revista *Espelho das Brasileiras*[2], publicação editada por Adolphe Emile de Bois-Garin, em uma década que era impensável mulheres aprenderem a ler e muito menos serem jornalistas. Rocha (apud Mota, 2013) aponta que a presença feminina no jornalismo foi notada a partir de 1970.

> Se fizermos um estudo de outras profissões, como medicina, arquitetura, direito, pesquisa científica, veremos que até 30 anos atrás elas também pertenciam ao mundo masculino (...) O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens, o que é um outro dado importante para a explicação do aumento da participação feminina no jornalismo (ROCHA apud MOTA, 2013, p.16).

Para Travancas (1992, p.76) o jornalismo não é uma profissão exclusiva dos homens, pois a atividade jornalística exige abnegação e entrega, qualidades predominantemente femininas. Em 1980, o acesso das repórteres de futebol deixou de ser restrito, porém o preconceito com a opinião feminina continuou. Quando entravam para o jornalismo esportivo, as mulheres jornalistas eram encaminhadas para as editorias de esportes amadores (COELHO apud STYCER, 2009, p.255).

> Mesmo que as mulheres tenham conquistado credibilidade e também tenham alcançado as redações e diferentes editorias dentro do jornalismo, elas ainda passam por problemas em um mercado de trabalho que está em permanente expansão. Porém, se compararmos com outra época veremos que os avanços são notáveis. As mulheres provam que podem ir além do preconceito e ganhar respeito e espaço dentro do ambiente profissional (MOTA, 2013, p.16-17).

Mesmo que a inserção da mulher no esporte tenha ocorrido lentamente, elas mostraram que vieram para ficar e que cada vez teremos mais mulheres cobrindo editorias consideradas masculinas. Para Ramos (2008), a participação das mulheres no esporte e a credibilidade do jornalismo esportivo estão nas mãos delas, que vêm conquistando, com méritos, seu espaço. Ainda segundo Ramos (2008),

> A luta por espaço entre o mundo esportivo não é atual. (...)As mudanças foram muito lentas, mas as mulheres conquistaram seu espaço no mundo dos esportes. Ainda no final do século XX, as mulheres lutavam para obterem maior participação feminina no esporte brasileiro. (...) As mulheres vieram para soltar o verbo; entendem de basquete, rali, fórmula 1 e futebol. Em geral, aquelas que estão à frente do jornalismo esportivo não deixam de fazer parte do imenso grupo de amantes e praticantes femininas de esportes.

Apesar da diminuição do preconceito contra as mulheres no jornalismo esportivo, algumas profissionais são encaminhadas para os esportes olímpicos, pois os homens ainda

---

[2] Periódico expunha as condições precárias das mulheres e defendia a instrução moral e cívica delas. Fonte: Agência de Notícias Uniceub. Disponível em: https://agenciadenoticias.uniceub.br/comunicacao/conheca-a-historia-de-nisia-floresta-primeira-jornalista-feminista-do-brasil/. Acesso em: 04/10/2022.

acreditam que elas têm mais facilidade em adquirir conhecimentos sobre esses esportes do que sobre o futebol, território onde o machismo predomina. A pioneira do jornalismo esportivo feminino foi Maria Helena Rangel, além de jornalista, era atleta em arremesso de disco. Já, a primeira fotojornalista de São Paulo foi Mary Zilda Grassia Sereno, contemporânea de Maria Helena Rangel.

As mulheres entraram no radiojornalismo esportivo em 1971, em São Paulo, na *Rádio Mulher*[3], que foi a primeira equipe feminina a cobrir eventos esportivos, transmitindo também futebol. Zuleide Ranieri (locutora), Claudete Troiano (narradora das partidas), Leilah Silveira (comentarista), Germana Garili e Jurema Iara (repórteres) foram as pioneiras nesse quesito.

Figura 1 – Integrantes da Rádio Mulher | Foto: Museu do Futebol[4]

[3] Rádio totalmente composta por mulheres, mesmo com pouca duração (1970-1976), abriu portas para as mulheres no mundo esportivo. Fonte: Museu do Futebol. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/. Acesso em: 04/10/2022.
[4] Fonte: https://museudofutebol.org.br. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/. Acesso em: 04/10/2022.

Figura 2 - Claudete Troiano da Rádio Mulher entrevistando Pelé | Foto: Museu do Futebol[5]

Diante do exposto, percebemos que a trajetória das mulheres no jornalismo esportivo é marcada por lutas e resistências, nos deixando dúvidas se elas tiveram conquistas na área. Diante dessa realidade, as perguntas a seguir foram necessárias para compreendermos a real situação das mulheres no esporte:

1) Existem conquistas das mulheres no jornalismo esportivo no estado de São Paulo?
2) As atuais conquistas são suficientes para o desenvolvimento da modalidade?
3) A presença da mulher em posição de destaque na mídia futebolística realmente inspira meninas a seguirem na área?

O jornalismo esportivo evolui com a presença da mulher, pois elas agregam muito conhecimento e avanço à modalidade e isso só pode acontecer com as emissoras dando espaço a essas profissionais. A mulher, que agora tem um espaço maior de fala e aparece com mais frequência, seja para comentar algum jogo, narrar, ficar no campo para entrevistar os jogadores e apresentar programas esportivos, conquista, aos poucos, seu lugar de destaque. A inserção da mulher na mídia esportiva não está sendo apenas no futebol feminino, algumas emissoras como a Globo, ESPN e Band tem narradoras que além de transmitirem os jogos do futebol feminino, sempre estão presentes nos jogos do masculino. O maior exemplo dessa presença da mulher, foi ter, neste ano, na transmissão da ESPN do Derby de Manchester (Manchester City x Manchester United), a equipe composta apenas por mulheres desde o pré-jogo. Mariana Spinelli

[5] Fonte: https://museudofutebol.org.br. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/705197/. Acesso em: 04/10/2022.

(pré-jogo), Elaine Trevisan (narradora), Mariana Pereira (comentarista), Renata Ruel (comentarista de arbitragem) e Natalie Gedra (repórter de campo/correspondente) foram as responsáveis pelo jogo.

*Figura 3 - Renata Ruel, Mariana Pereira e Elaine Trevisan, equipe responsável pela transmissão do Derby de Manchester | Foto: Instagram - @elainetrevisan_*[6]

O portal multimídia "Esportisa" nasceu assim, com o intuito de ser um produto midiático que, de fato, contasse as histórias das jornalistas esportivas do estado de São Paulo, além de ser um espaço de divulgação de conteúdos relacionados ao esporte, seja por meio de perfis em redes sociais quanto por meio de livros, séries, podcasts e documentários.

O objetivo principal deste produto midiático multiplataforma (blog, podcast e vídeo) foi conhecer as histórias das jornalistas esportivas e suas conquistas no estado de São Paulo nos

[6] Fonte: https://instagram.com.br. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cavm53Nu8iS/. Acesso em: 04/10/2022

anos 2000. Para chegar a esse objetivo, foi necessário cumprir os objetivos secundários: abordar as conquistas da mulher no jornalismo esportivo, analisar mais a fundo essas conquistas – quando começou? são suficientes? – e estimular as meninas que queiram seguir a profissão.

O público-alvo do produto midiático foi meninas e mulheres, com idade a partir dos 12 anos, que se identificam com o blog ao verem histórias e vivências que jornalistas esportivas passaram para a realização do sonho e mostrar que isso é possível para qualquer pessoa, além de terem a oportunidade de conhecerem e se espelharem na trajetória de outras mulheres.

1. METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou a metodologia exploratória e descritiva, a fim de entender o porquê as mulheres sofrem discriminação, assédio, machismo e outros preconceitos no jornalismo esportivo, principalmente as que trabalham com futebol, e mostrar seus relatos, o que elas veem como conquistas, enfim, contando suas vivências e mostrando uma nova perspectiva a respeito da presença da mulher no jornalismo esportivo.

A respeito do método de obtenção de dados, foi utilizado o mapeamento bibliográfico, buscando dados já existentes para poder entender o caminho que levou a evolução da modalidade, a maior aceitação da mulher e a presença constante de mulheres em cargos de destaque. Buscamos, assim, entender o aumento da presença da mulher no esporte e como isso impacta outras pessoas.

As técnicas utilizadas para a realização deste projeto foram revisões bibliográficas, para poder aprofundar o tema, buscando entender, a partir de estudos de especialistas da área, como funciona a profissão e como a evolução da sociedade influenciou no avanço da profissão; análise de documentos disponíveis em sites, a fim de verificar como era no passado e como está no presente, para poder quantificar o avanço das mulheres no jornalismo esportivo; pesquisa de campo, para entender os comportamentos das mulheres dentro da área esportiva, para ver o que mais se repete dentro desta 'bolha' e os impactos causados; entrevistas informais, buscando os melhores relatos possíveis, para servirem de inspiração para outras meninas/mulheres.

O arcabouço bibliográfico foram os livros 'Uma breve história da mulher no Jornalismo, no feminismo e na sociedade' de Ludmilla Brandão. 'O jogo das letras – Práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do Jornal dos Sports (1931-1941)' de Kelen Katia Prates Silva. 'Futebol de mulheres no Brasil – desafios para as políticas públicas' de Mariana Zuaneti Martins e Ileana Wenetz. Os artigos acadêmicos utilizados como base para o projeto foram 'Jornalismo Esportivo de Saia – A participação feminina no jornalismo esportivo' de Isis Mendes Mota. 'Mulheres no Jornalismo Esportivo' de Monique de Andrade Dantas. 'Mulheres

e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino' de Leonardo Turchi Pacheco e Silvio Ricardo da Silva. 'A trajetória da mulher no jornalismo esportivo' de Letícia Anchieta de Moura. 'Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão' de Christiana Lamoglia Sobral Pedroza.

2. DETALHAMENTO TÉCNICO

O produto multiplataforma sobre as mulheres no jornalismo esportivo, denominado Esportisa, foi desenvolvido a partir do WordPress. A escolha por essa ferramenta se deu a partir da facilidade para elaboração e publicação dos conteúdos. Além de ser uma plataforma gratuita, conta com um ótimo visual e fácil acesso.

O visual do site leva tons de roxo, branco e preto, com destaque para a logo em formato de escudo, com uma bola ao centro e alguns apetrechos, além do dizer 'esportisa' abaixo da bola. A logo encontra-se centralizada e abaixo há um menu contendo 'Entrevistas', 'Podcasts', 'Videocasts', 'Indicação das Profissionais', 'Perfis' e 'Sobre'. Em todas as páginas é possível visualizar o ícone do Instagram e Youtube do projeto. A linguagem utilizada nos textos é a coloquial, por ser de fácil entendimento a todos.

A proposta de conteúdo apresentou matérias especiais para mulheres que querem seguir na área do jornalismo esportivo. Foram realizadas reportagens em formato de podcasts, textos e vídeos, disponibilizadas no site. Também foram criadas redes sociais com o nome Esportisa, adotando o mesmo visual: Instagram, Spotify e Youtube, proporcionando maior distribuição do conteúdo e maior alcance de público.

O conteúdo do multiplataforma foi dividido em:

- Editorial: pode ser acessado ao abrir o blog, permitindo uma visão geral do tema, o leitor encontra as entrevistas em destaque, os destaques do blog – conteúdos da autora -, indicações – composta por dois podcasts produzidos pelas entrevistadas -, e uma caixa de recados em que o leitor poderá mandar considerações;

- Entrevistas: contém um conteúdo variado, com as matérias com as nove entrevistadas. Ao todo, foram cinco matérias;

- Podcasts: contém quatro episódios produzidos com os conteúdos obtidos através das entrevistas;

- Vídeocasts: reúne depoimentos de jornalistas contando suas histórias na área do jornalismo esportivo. Ao todo, foram realizados quatro vídeos;

- Fotografias: são encontradas por todo o site, em sua maioria, são imagens das entrevistadas, de momentos marcantes para elas;

- Perfil das entrevistadas: esse bloco teve como objetivo dar visibilidade às entrevistadas, mostrando uma biografia de cada, como forma de agradecimento;

- Conquistas das Jornalistas: esse bloco é formado por relatos das entrevistadas, elas contam suas conquistas no jornalismo esportivo;

- Indicação das profissionais: esse bloco é formado por sugestões que as entrevistadas comentaram durante as entrevistas, há livros, séries, documentários, perfis de redes sociais, entre outros;

- Sobre: esse bloco contém a apresentação do blog, propósito, conteúdos e um parágrafo sobre a autora.

Para a realização das entrevistas, foram escolhidas nove profissionais do jornalismo esportivo, de áreas diversas. Elaine Trevisan (narradora), Gabriela Nolasco (assessora de imprensa), Jordana Araújo (repórter e comentarista), Juliana Yamaoka (repórter e comentarista), Juliane Santos (comentarista e produtora de conteúdo), Lívia Abreu (repórter e comentarista), Natália Beatriz (produtora de conteúdo e casting), Nathalia Ferrao (comentarista e repórter) e Raffaella Carolina (editora de páginas independentes) foram as entrevistadas do projeto.

As entrevistas, em sua maioria, foram realizadas pela ferramenta Zoom. Uma entrevista foi realizada por email – Natália Beatriz – e uma via WhatsApp – Juliana Yamaoka – devido a conflitos de horários.

Para a realização dos Podcasts, foi utilizado o aplicativo Audacity, ferramenta gratuita que permitiu editar os áudios, o site Anchor, que possibilitou a ancoragem do podcast e sua posterior publicação no Spotify, além de permitir adicionar todas as informações sobre o conteúdo gravado. Também foi utilizado o site Spotify for Podcasters para organizar a publicação do podcast. Para a edição dos vídeos, foi utilizado o aplicativo CapCut, ferramenta gratuita e de fácil utilização, permitindo uma edição simples, porém completa.

3. SINOPSE FINAL

Já imaginou trabalhar em uma área majoritariamente masculina e repleta de machismo, tendo que provar sua capacidade diariamente? Essa é a realidade das mulheres que trabalham no jornalismo esportivo, principalmente no futebol. Preconceitos, machismo, objetificação e descredibilização, são alguns dos desafios que essas profissionais enfrentam na profissão.

Diante de tantas dificuldades, um questionamento perdura. Há conquistas das mulheres no jornalismo esportivo? A presença da mulher em posição de destaque no esporte está sendo vista repetidamente, não só em transmissões de competições femininas, como Brasileirão Feminino A1, mas também, nos masculinos. Um dos principais programas esportivos da TV aberta é comandado por uma mulher – Renata Fan no Jogo Aberto da Band. Mulheres narrando e comentando jogos de futebol masculino, tanto das séries A e B do Campeonato Brasileiro também já virou rotina, as mais conhecidas são Renata Silveira – narradora, e Renata Mendonça – comentarista, entre tantas outras que batalham diariamente para tornar a profissão melhor.

Foi pensando em expor as conquistas das mulheres no jornalismo esportivo que nasceu o projeto "Esportisa", projeto multiplataforma recheado de entrevistas com mulheres, jornalistas esportivas, que tem como objetivo compartilhar as histórias das jornalistas do estado de São Paulo na cobertura esportiva, servindo como inspiração para meninas que pensam seguir na área. O site contém podcast, vídeocast, artigos e entrevistas. Por ser adaptado em modelo multiplataforma, você pode encontrá-lo em todas as redes sociais, basta pesquisar na internet por Esportisa. E não se esqueça, esportisa-aí, mina!

4. ROTEIROS FINAIS

Para a realização das entrevistas, foram preparadas perguntas base e, no decorrer da entrevista, conforme relatos das personagens, algumas perguntas eram retiradas e outras adicionadas. As principais perguntas foram:

- Quando começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo?
- Como analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?
- Como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?
- Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?
- Quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?
- Quais eram as pautas mais frequentes na cobertura esportiva?
- Qual a sua análise a respeito do aumento de mulheres no mundo esportivo?
- Na sua opinião, acredita que no futuro do jornalismo esportivo haja igualdade entre gêneros em termos de salário e mercado de trabalho? Como você vê o futuro do jornalismo esportivo?
- Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?
- Você já teve conquistas no jornalismo esportivo?

- Na sua opinião, as profissionais do jornalismo esportivo, realmente são inspirações para meninas mais novas? Qual a sua inspiração?

VÍDEOCAST – APRESENTAÇÃO
DURAÇÃO: 2 minutos e 2 segundos
Hey, minas e monas, bem-vindas ao meu canal, Esportisa, eu sou Isabela Freschi e aqui você encontrará muitos conteúdos sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. No vídeo de hoje, eu vou 'tá' te falando o propósito do meu canal e o que você verá aqui além das histórias das mulheres no jornalismo esportivo. Bom, a ideia de criar o canal veio a partir do meu projeto de TCC que é um blog multiplataforma chamado esportisa, no qual eu busco trazer as conquistas das mulheres no jornalismo esportivo aqui no Estado de São Paulo. Bom, no blog você vai encontrar entrevistas com as profissionais, vídeos - que estarão aqui no YouTube também -, podcast contando um pouquinho da trajetória das mulheres que trabalham no rádio e no jornalismo esportivo. Você também encontrará muitas indicações que essas profissionais fizeram durante as nossas entrevistas. Ah, também terá uma parte sobre o perfil, para trazer um pouquinho mais, como uma forma de reconhecimento, de agradecimento a essas profissionais que participaram desse projeto tão importante para mim. Lá, você também encontrará um pouquinho sobre a apresentação e sobre autora, no caso eu. Bom, se você ficou interessado pelo conteúdo não perca tempo e vai no blog esportisa, o link vai 'tá' aqui embaixo. Também, não se esqueça de nos seguir nas redes sociais o arroba é esportisa e, também estará aqui na descrição. Ah, muito obrigada a você que acompanhou o vídeo até o final. Se você gostou, não se esqueça de curtir, compartilhar e se inscrever no canal. Até o próximo vídeo e esportisa-aí, manas.

VÍDEOCAST – REPRESENTATIVIDADE
DURAÇÃO: 3 minutos e 8 segundos
Hey, minas e monas, bem-vindas ao meu canal, esportisa, eu sou Isabela Freschi e aqui você encontrará muitos conteúdos sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. No vídeo de hoje iremos abordar sobre representatividade dentro do jornalismo esportivo. Esse é um tema muito importante de ser discutido, já que nós estamos numa era que nós queremos nos ver nos lugares, principalmente em posições de destaque. Bom, imagina que você é uma menina e você está ligando a TV e você encontra uma figura feminina lá falando sobre um assunto que você gosta, automaticamente isso já

vai te dar um sentimento de que é possível você chegar lá, que você tem também essa capacidade de estar chegando numa posição de destaque que outras pessoas iguais a você, já chegaram antes. É, para falar um pouquinho mais sobre isso, eu entrevistei Jordana Araújo, que é jornalista e estagiária da rádio BandNews que vai comentar um pouquinho mais sobre esse assunto.

Trecho entrevista Jordana

Assim como nós já evoluímos em alguns aspectos do jornalismo esportivo, a questão da representatividade, nós também precisamos avançar, para tornar a nossa profissão um pouquinho mais inclusiva, dando oportunidade para todas. O vídeo de hoje vai terminando aqui e eu gostaria de agradecer a todos vocês que nos acompanharam até agora. Se você gostou do conteúdo, não se esqueça de se inscrever, deixar seu like e compartilhar com seus amigos. Ah, e não se esqueça também, de nos seguir nas redes sociais, o arroba vai estar passando aqui na telinha para vocês. Muito obrigado e até o próximo vídeo. Esportisa-aí manas!

VÍDEOCAST – CONQUISTAS NA TV
DURAÇÃO: 3 minutos e 17 segundos
Hey, minas e monas, bem-vindas ao meu canal, esportisa, eu sou Isabela Freschi e aqui você encontrará muitos conteúdos sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. No vídeo de hoje iremos abordar sobre as conquistas das mulheres no jornalismo esportivo, principalmente, daquelas que trabalham na TV. Com os avanços do jornalismo, as mulheres foram ganhando mais oportunidades. As conquistas foram chegando aos poucos. Para falar mais sobre o tema, entrevistei as jornalistas Elaine Trevisan e Nathalia Ferrão, ambas da ESPN, para contarem suas conquistas. **Trecho entrevista Elaine e depois trecho entrevista Nathalia** Para os próximos anos, podemos esperar mais conquistas e mais avanços para as mulheres no jornalismo esportivo. O vídeo de hoje vai terminando aqui e eu gostaria de agradecer a todos vocês que nos acompanharam até agora. Se você gostou do conteúdo, não se esqueça de se inscrever, deixar seu like e compartilhar com seus amigos. Ah, e não se esqueça também, de nos seguir nas redes sociais, o arroba vai

estar passando aqui na telinha para vocês. Muito obrigado e até o próximo vídeo. Esportisa-aí manas.

VÍDEOCAST – ENTREVISTA PING-PONG COM GABRIELA NOLASCO
DURAÇÃO: 6 minutos e 51 segundos
Hey, minas e monas, bem-vindas ao meu canal, esportisa, eu sou Isabela Freschi e aqui você encontrará muitos conteúdos sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. No vídeo de hoje teremos a participação da jornalista Gabriela Nolasco. **1ª Pergunta:** Gabi, como que foi essa mudança de sair do fotojornalismo para uma assessoria de imprensa? São semelhantes? **2ª Pergunta:** E Gabi, como você separa a Gabi profissional da torcedora? Você teve dificuldades com isso ou foi tranquilo? Gostaria de agradecer à Gabi pela disponibilidade e por compartilhar um pouquinho da sua trajetória conosco. Se você quiser ver a entrevista completa, o link da matéria estará na descrição. O vídeo de hoje vai terminando aqui e eu gostaria de agradecer a todos vocês que nos acompanharam até agora. Se você gostou do conteúdo, não se esqueça de se inscrever, deixar seu like e compartilhar com seus amigos. Ah, e não se esqueça também, de nos seguir nas redes sociais, o arroba vai estar passando aqui na telinha para vocês. Muito obrigado e esportisa-aí manas!

PODCAST – EPISÓDIO 1 – JULIANA YAMAOKA
DURAÇÃO: 37 minutos e 13 segundos
Você já pensou em ser jornalista esportiva e trabalhar em um grande veículo de comunicação? Já teve receio de trabalhar na área por conta dos desafios, preconceitos, machismos? Então você está no lugar certo. Neste podcast trarei histórias de jornalistas esportivas, que, assim como você, também tiveram essas inseguranças, mas, mesmo assim, seguiram em busca do sonho e hoje abrem portas para as futuras gerações. **VINHETA – ABERTURA** **LOC:** para o primeiro episódio, a convidada é Juliana Yamaoka, ela é repórter na rádio BandNews FM.

Pra começar o nosso bate bola aqui no Esportisa, a Ju começará se apresentando. **LOC:** quando começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo? **LOC:** como você analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas? **LOC:** como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte? **LOC:** já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão? **LOC:** quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo? **LOC:** na sua opinião, as profissionais do jornalismo esportivo realmente são inspirações para as meninas mais novas? Qual a sua inspiração? **LOC:** na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo? **LOC:** como você avalia a sua trajetória no jornalismo esportivo? Você teve conquistas? **LOC:** um momento marcante que o esporte e o jornalismo te proporcionaram **LOC:** Ju, para finalizar, quais as suas considerações finais? **LOC:** você acompanhou agora o primeiro episódio do Esportisa, o podcast voltado às histórias de jornalistas esportivas. Para saber mais sobre a história da Ju e de outras jornalistas é só acessar o blog esportisa, o link está na descrição! E, para acompanhar o trabalho da Ju é só seguir a @ju_yamaoka nas redes sociais. Obrigada por acompanhar o podcast e até o próximo! **VINHETA - ENCERRAMENTO**

PODCAST – EPISÓDIO 2 – JORDANA ARAÚJO
DURAÇÃO: 44 minutos e 11 segundos
Você já pensou em ser jornalista esportiva e trabalhar em um grande veículo de comunicação? Já teve receio de trabalhar na área por conta dos desafios, preconceitos, machismos? Então você está no lugar certo. Neste podcast trarei histórias de jornalistas esportivas, que, assim como você, também tiveram essas inseguranças, mas, mesmo assim, seguiram em busca do sonho e hoje abrem portas para as futuras gerações.

VINHETA – ABERTURA

LOC: para o segundo episódio, a convidada é Jordana Araújo, ela é repórter na rádio BandNews FM e comentarista da CBF, Conmebol e FPF TV.
Pra começar o nosso bate bola aqui no Esportisa, a Jor começará se apresentando.

LOC: quando que você começou a se interessar e a trabalhar com o jornalismo esportivo? você sempre quis isso?

LOC: você comentou que o pessoal da sua família te apoiava e os de fora ficava colocando empecilhos. isso foi um banho de água fria ou foi uma forma de incentivo?

LOC: como que você analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

LOC: você acha que ainda tem muito disso, tem essas cotas ou que já evoluiu, tipo vou colocar uma mulher aqui porque ela é capaz ou ainda tem o pensamento arcaico de ter a mulher só pra falar que tem?

LOC: como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?

LOC: e, pegando o gancho, você já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

LOC: quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

LOC: qual a sua análise a respeito do aumento de mulheres no mundo esportivo?

LOC: na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: você já teve conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: e, na sua opinião, as profissionais do jornalismo, realmente, são inspirações para as meninas mais novas?

LOC: um momento marcante que o jornalismo ou o esporte te proporcionaram.

LOC: e, agora, as suas considerações finais.

LOC: você acompanhou agora o segundo episódio do Esportisa, o podcast voltado às histórias de jornalistas esportivas. Para saber mais sobre a história da Jor e de outras jornalistas é só acessar o blog esportisa, o link está na descrição!
E, para acompanhar o trabalho da Jor é só seguir a @jordanaaraaujo nas redes sociais. O link estará na descrição também. Obrigada por acompanhar o podcast, até o próximo e esportisa-aí mina!

VINHETA - ENCERRAMENTO

PODCAST – EPISÓDIO 3 – JULIANE SANTOS
DURAÇÃO: 28 minutos e 43 segundos

Você já pensou em ser jornalista esportiva e trabalhar em um grande veículo de comunicação? Já teve receio de trabalhar na área por conta dos desafios, preconceitos, machismos? Então você está no lugar certo. Neste podcast trarei histórias de jornalistas esportivas, que, assim como você, também tiveram essas inseguranças, mas, mesmo assim, seguiram em busca do sonho e hoje abrem portas para as futuras gerações.

VINHETA – ABERTURA

LOC: para o terceiro episódio, a convidada é Juliane Santos, ela é comentarista de futebol da Conmebol e FPF TV e produtora do podcast Tática + Futebol.
Pra começar o nosso bate bola aqui no Esportisa, a Ju começará se apresentando.

LOC: quando que você começou a se interessar e a trabalhar com o jornalismo esportivo? você sempre quis isso?

LOC: como que você analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

LOC: como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?

LOC: você já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

LOC: na sua opinião, acredita que no futuro do jornalismo esportivo haja igualdade entre gêneros em termos de salário e mercado de trabalho? como você vê o futuro do jornalismo esportivo?

LOC: quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

LOC: você é comentarista esportiva e, também, é criadora de conteúdos, tanto sobre tática com seu podcast e, também, threads sobre as competições. um acaba complementando o outro? qual o maior desafio de produzir conteúdo?

LOC: na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: você já teve conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: e, na sua opinião, as profissionais do jornalismo, realmente, são inspirações para as meninas mais novas?

LOC: um momento marcante que o jornalismo e o esporte te proporcionaram.

LOC: e, agora, as suas considerações finais.

LOC: você acompanhou agora o terceiro episódio do Esportisa, o podcast voltado às histórias de jornalistas esportivas. Para saber mais sobre a história da Ju e de outras jornalistas é só acessar o blog esportisa, o link está na descrição!
E, para acompanhar o trabalho da Ju é só seguir a @juliane_csantos nas redes sociais. O link estará na descrição também. Obrigada por acompanhar o podcast, até o próximo e esportisa-aí mina!

VINHETA - ENCERRAMENTO

PODCAST – EPISÓDIO 4 – LÍVIA ABREU
DURAÇÃO: 11 minutos e 43 segundos
Você já pensou em ser jornalista esportiva e trabalhar em um grande veículo de comunicação? Já teve receio de trabalhar na área por conta dos desafios, preconceitos, machismos? Então você está no lugar certo. Neste podcast trarei histórias de jornalistas esportivas, que, assim como você, também tiveram essas inseguranças, mas, mesmo assim, seguiram em busca do sonho e hoje abrem portas para as futuras gerações.

VINHETA – ABERTURA

LOC: para o quarto episódio, a convidada é Lívia Abreu, ela é comentarista de futebol do Bendito Seja o Futebol Paulista e repórter no portal Meu Peixão.
Pra começar o nosso bate bola aqui no Esportisa, a Livinha começará se apresentando.

LOC: quando que você começou a se interessar e a trabalhar com o jornalismo esportivo? você sempre quis isso?

LOC: como que você analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

LOC: como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?

LOC: você já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

LOC: na sua opinião, acredita que no futuro do jornalismo esportivo haja igualdade entre gêneros em termos de salário e mercado de trabalho? como você vê o futuro do jornalismo esportivo?

LOC: quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

LOC: como é a diferença entre cobrir eventos esportivos como jornalista e depois passar a trabalhar com gerenciamento de atletas?

LOC: na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: você já teve conquistas no jornalismo esportivo?

LOC: e, na sua opinião, as profissionais do jornalismo, realmente, são inspirações para as meninas mais novas?

LOC: um momento marcante que o jornalismo e o esporte te proporcionaram.

LOC: e, agora, as suas considerações finais.

LOC: você acompanhou agora o quarto episódio do Esportisa, o podcast voltado às histórias de jornalistas esportivas. Para saber mais sobre a história da Livinha e de outras jornalistas é só acessar o blog esportisa, o link está na descrição! E, para acompanhar o trabalho da Lívia é só seguir a @liviababreu nas redes sociais. O link estará na descrição também. Obrigada por acompanhar o podcast, até o próximo e esportisa-aí mina! **VINHETA - ENCERRAMENTO**

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Realização de três entrevistas com as fontes	Criação da identidade visual do blog	Realização de uma entrevista com a fonte	Publicação da primeira e segunda matérias	Publicação das entrevistas	Divulgação dos conteúdos do blog no Instagram
Idealização do projeto	Realização de cinco entrevistas com as fontes	Criação do Blog	Publicação do primeiro vídeocast	Publicação do vídeocast	Apresentação do projeto para banca examinadora
		Edição das entrevistas	Publicação do primeiro podcast	Publicação do podcast	
		Criação do Instagram para as divulgações	Pré-banca qualitativa	Análise do projeto, o objetivo foi alcançado?	
		Produção do relatório final	Produção do relatório final	Revisão ortográfica do relatório final e entrega	
				Apresentação do trabalho no CONIC	
				Divulgação dos conteúdos do blog no Instagram	

6. RELATO DE PRODUÇÃO

A ideia para a criação do produto foi pensada ao longo do penúltimo ano da faculdade. Desde o início do curso, tinha a certeza de que seguiria para a área do jornalismo esportivo, principalmente do futebol, tanto por ter facilidade com o assunto quanto por gostar de contar histórias sobre.

O projeto, a princípio, seria voltado aos desafios que as mulheres enfrentam no jornalismo esportivo, porém, em uma aula da professora Naiá Sadi, veio o pensamento "fora da caixa". Muito se fala dos desafios das jornalistas esportivas, mas, pouco se comenta sobre os feitos dessas profissionais e suas conquistas, além de serem referências para meninas mais novas que sonham em trabalhar com o esporte. A pluralidade de olhares e a possibilidade de enxergar as coisas de forma diferente, é um trabalho bonito de ser construído e credito isso ao professor Jefferson Barcellos, que sempre mostrou as diversas formas de ver um mesmo objeto e fez questão de ressaltar a importância do senso crítico.

A maior dificuldade enfrentada por mim foi a construção do blog. Pela falta de conhecimento da ferramenta WordPress, foi necessário assistir diversos tutoriais no YouTube para poder entregar um trabalho de qualidade e que pudesse trazer a essência do projeto. Além de contar com as explicações e ajuda do professor João Flávio, que com paciência, ensinou a utilizar a ferramenta da melhor maneira. De certo modo, essa dificuldade foi enfrentada e me proporcionou novos conhecimentos.

Outra dificuldade encontrada foi disponibilidade de horários das fontes, devido às coberturas de grandes eventos como Eurocopa Feminina, fases classificatórias de Libertadores, Copa Sul-Americana e Copa do Brasil. Quanto ao formato das entrevistas, gostaria que elas tivessem sido realizadas presencialmente, contudo, a distância não permitiria, além da pandemia. Mesmo assim, sinto-me satisfeita com os resultados.

A maior limitação ocorreu ao não encontrar uma figura feminina que ocupasse cargos de chefia ou de maior responsabilidade, além de não conseguir entrevistar a pioneira da narração esportiva na TV, Luciana Mariano, por conta de choque de horários. Mesmo com essas limitações, o trabalho prosseguiu de maneira fluida, alcançando os objetivos.

Quanto à escolha das entrevistadas, me baseei nos valores-notícia, contando, principalmente, com a relevância das fontes de acordo com suas histórias no jornalismo esportivo e vivências, a fim de trazer as visões de várias áreas da profissão. "Ai adorei essa

pergunta, é bem complexa assim", afirmou Juliana Yamaoka, repórter esportiva da rádio BandNews FM e comentarista do BandSports.

A maior gratificação foi ter me aproximado de pessoas que tanto admiro e que são referências para mim na profissão, além de serem referências para outras meninas e que são figuras importantes do jornalismo esportivo. Mulheres que superaram desafios para chegarem em uma posição de destaque e que a cada dia, buscam melhorar a profissão para oferecer um ambiente melhor para as próximas gerações. "Ótimas perguntas...Fico honrada com o convite e tenho certeza de que você já é uma grande jornalista", disse Juliane Santos, comentarista de futebol pela Eleven Sports e FPF TV.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como propósito a criação de um produto multiplataforma, um blog para contar histórias de jornalistas esportivas e suas conquistas. Foram publicados relatos marcantes, que exemplificaram as dificuldades enfrentadas por essas profissionais para conseguirem uma posição de destaque e trabalhar com o que sempre sonharam.

O tema é relevante para ser debatido no meio acadêmico, considerando que as conquistas são algo novo e merecem atenção, para podermos verificar a sua continuidade e efetividade. Após as entrevistas, foram constatadas, ainda, várias dificuldades enfrentadas pelas profissionais, principalmente no quesito de falta de representatividade e de poucas mulheres em cargos de chefia.

Os objetivos foram atingidos, haja vista, houve relatos marcantes e únicos, trazendo vários pontos de vista sobre o mesmo assunto, confirmando a pluralidade do tema. Levando em consideração que durante o século XX as mulheres foram proibidas de praticarem futebol, não participaram das primeiras olímpiadas e dificilmente trabalhavam com esportes por conta dos preconceitos, as conquistas começaram quando a mulher foi inserida nesse meio, quebrando todos os tabus e barreiras.

Mesmo com a maior aceitação da mulher nestas posições de destaque, ainda há muito o que evoluir, tanto no quesito salarial como na questão de representatividade. É inegável que a presença feminina em um espaço majoritariamente ocupado por homens sirva de exemplo para meninas que pensam em seguir na área, porém, nem sempre essa representatividade ocorre, haja vista que a maioria das jornalistas segue determinados padrões de beleza, como magra e de boa aparência.

Em relação às conquistas, as mais frequentes foram: trabalhar na área que gosta, estar em uma das principais emissoras de televisão esportiva (ESPN, no caso), poder narrar a Eurocopa Feminina, comentar jogos importantes, estar no emprego dos sonhos, visibilidade, entre outros.

Para um futuro próximo, espera-se que essas conquistas aumentem. Melhores oportunidades de trabalho, equiparação salarial e menos preconceitos são avanços que podemos ver, além do aumento de mulheres no meio. As profissionais que já estão na área seguirão abrindo portas às novas gerações, assim como já foi feito anteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOTA, Isis Mendes. **Jornalismo Esportivo de Saia – A participação feminina no jornalismo esportivo.** Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS. 34p. Curso de Jornalismo. Centro Universitário de Brasília, UNICEUB. Brasília, DF. Ano 2013. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4004/1/20942932.pdf. Acesso em: 05 maio 2022.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo.** Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social – Jornalismo. Escola de Comunicação da UFRJ (ECO UFRJ). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Ano 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26075195/MULHERES_NO_JORNALISMO_ESPORTIVO_TCC_ECO_UFRJ. Acesso em: 05 maio 2022.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. "Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino". *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 28, n. 3, e61002, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/YWnfSyZZcTZCbZs3bkvZSPQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 jun. 2022.

MOURA, Letícia Anchieta de. **A trajetória da mulher no jornalismo esportivo.** Trabalho de Conclusão de Curso. Jornalismo. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ano 2021. Disponível em: https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/7294/Let%c3%adcia%20Anchieta%20de%20Moura.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 06 jun. 2022.

PEDROZA, Christiana Lamoglia Sobral. **Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão.** Projeto Prático (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. 47p. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2017. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3849/3/CLSPedrosa.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRANDÃO, Ludmilla. **Uma breve história da mulher no jornalismo no feminismo e na sociedade.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2020. 137p.

SILVA, Kelen Katia Prates. **O jogo das Letras: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do Jornal dos Sports (1931-1941).** 1.ed. Curitiba: CRV, 2020. 158p.

MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas.** 1.ed. Curitiba: CRV, 2020. 206p. v.1.

APÊNDICE

Decupagem entrevista com Natalia Beatriz

Isabela: Primeiro, sua apresentação – nome, idade, profissão/área de atuação (pode ser bem geral).

Natalia: Me chamo Natalia Beatriz de Oliveira, tenho 27 anos, sou jornalista de formação e hoje atuo como produtora de conteúdo e casting na NWB.

I: Quando começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo?

N: Meu interesse pelo jornalismo esportivo começou quando eu estava no 5º semestre da faculdade. Eu sempre fui apaixonada por futebol, frequento estádio desde 2011, e sempre tive essa paixão, mas ao contrário da grande maioria, no início da faculdade eu não queria ir para o jornalismo esportivo, pois achava que seria muito concorrido. Mas no 5º semestre, minha professora de rádio e TV, me obrigou a mudar o leque, e foi aí que eu mergulhei no esporte, e nunca mais sai. Fiz meu TCC sobre torcida organizada, e estou até hoje nesse mundo, que eu amo e me sinto muito feliz.

I: Como analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

N: Hoje está um pouco melhor, antigamente eram poucas as mulheres que trabalhavam com futebol, mas estamos melhorando e conquistando o nosso espaço, com muito trabalho.

I: Como a mulher é vista dentro dos veículos de comunicação ligados ao esporte?

N: Muitas das vezes dizem que estamos ali, por sermos bonitas. Tem uma galera que desmerece a profissional que a mulher é igual a todos os homens. E o mais triste é que temos que estudar três vezes mais que os homens, para conquistar a mesma vaga que eles.

I: Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

N: Olha, eu nunca sofri nitidamente, acho que isso vai muito do ambiente em que você se encontra. Eu sempre me impus e nunca deixei calar minha voz, mas já vi colegas sendo escrachadas em redes sociais apenas por serem mulheres.

I: Quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

N: O fato do mercado estar muito concorrido, eu demorei 3 anos, após formada, para finalmente conseguir um emprego na área. Mas eu não parei, fiz muito freela, muito trabalho voluntário, que me deu a bagagem necessária para chegar até aqui.

I: Quais eram as pautas mais frequentes na cobertura esportiva?

N: Futebol feminino, com certeza. Hoje eu produzo um canal no YouTube, chamado Passa a Bola, onde nós damos vozes a essa modalidade que está crescendo e precisa de espaço.

I: Qual a sua análise a respeito do aumento de mulheres no mundo esportivo?

N: Eu acho incrível, isso mostra que a cada dia que passa as pessoas estão mais abertas e que mais mulheres podem sonhar em estar ao lado de uma Renata Fã, uma Ana Thais Mattos, uma Glenda, todas elas pioneiras nesse nosso mundo. E o que precisamos ter em mente é que não somos rivais, e que juntas iremos conquistar muito mais.

I: Na sua opinião, acredita que no futuro do jornalismo esportivo haja igualdade entre gêneros em termos de salário e mercado de trabalho?

N: É o sonho de todas nós, e lutamos diariamente para isso, mas é uma luta muito difícil. Talvez as futuras gerações alcancem isso, não sei se eu terei essa chance, infelizmente.

I: Como é a diferença entre cobrir eventos esportivos como jornalista e depois passar a trabalhar com produção de conteúdo?

N: É engraçado até falar sobre isso, pois muitos fazem o caminho inverso do meu, começam na produção e vão para as coberturas. Mas acho que os espaços estão aí para todos, e estar no bastidor da coisa, é tão incrível, quanto estar na frente. Talvez até menos nervosismo.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

N: Com certeza, você ter mais de uma mulher comentando e narrando futebol em rede nacional, é uma conquista imensa. Antes da copa de 2019, não tínhamos nenhuma.

I: Na sua opinião, as profissionais do jornalismo esportivo, realmente são inspirações para meninas mais novas? Qual a sua inspiração?

N: Sim, eu mesma sou uma pessoa que me inspiro demais em todas as que estão ali, as conquistas delas me dão a certeza de que é possível, que não podemos nunca parar de sonhar. Minhas inspirações como jornalistas, são algumas, mas quem me abriu um leque imenso, e me aconselhou muito, é **Ana Thais Mattos,** ela sabe a diferença que fez, e faz na minha vida como jornalista esportivo,

I: Como você vê o futuro do jornalismo esportivo?

N: Com muito mais mulheres, narrando, comentando, reportando, sendo influencers e falando de futebol, seja ele feminino ou masculino.

I: Qual foi o momento mais marcante que o jornalismo e o esporte te proporcionaram?

N: Primeiro foi o meu TCC, e depois foi estar na final do campeonato paulista feminino na Neo Quimica Arena, com mais de 30 mil pessoas presentes no estádio, e ver o futebol feminino em festa e aclamado, depois de dois anos de pandemia. Um dia incrível.

I: Como você se sente fazendo parte de um projeto tão bonito quanto o do Passa a Bola e podendo mostrar a outras meninas/mulheres que é possível chegar em locais de destaque?

N: Eu me sinto privilegiada, principalmente quando estou ao lado das minha ídolas do futebol, como o dia que fomos gravar com a Cristiane, eu me mantive ali na postura, mas quando saímos

de lá, eu me acabei em choro, porque eu sei que o meu sonho, é o mesmo de tantas outras meninas que lutam todos os dias para ingressar no jornalismo esportivo. Sei do papel que o Passa a Bola tem na sociedade e na formação de várias e luto muito para que todas se sintam representadas.

I: Você tem alguma sugestão de livros, séries, cursos para indicar para quem deseja seguir na área?

N: Acho que todo mundo um dia precisa ler o livro do Guardiola. Assistir a série do Tevez, e também tem um documentário muito bom, sobre a Copa América de 2019. Tem muita coisa boa, que agora me fugiram os nomes. Cursos são sempre bons, eu fiz alguns cursos livres na Cásper Líbero, mas hoje na internet tem alguns que valem a pena.

Decupagem entrevista com Juliana Yamaoka

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão – bem no geral mesmo.

Juliana: Bom vamos lá é, meu nome é Juliana Crastequini Yamaoka, eu tenho 29 anos, vou fazer 30 agora em dezembro. Eu sou formada em jornalismo pela Cásper Líbero e pós-graduada em produção audiovisual e transmídia pela Cásper Líbero. Eu me formei em 2016, estudei lá de 2013 até 2016, fazendo estágio na Rádio Gazeta AM, que agora é Gazeta Online o nome, se não me engano e, também, na TV Gazeta no departamento de esportes. Bom, só complementando o fim da primeira pergunta ainda, é, hoje eu sou repórter da Rádio BandNews FM, da equipe de esportes, mas eventualmente, eu também faço eventos no jornalismo geral, né? Então por exemplo, já fiz carnaval, eleição, algumas pautas pontuais assim na rua quando precisa, mas a minha área de atuação mesmo é na reportagem.

I: Quando começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo?

J: Bom, eu comecei a me interessar pelo jornalismo logo criança, né? É, a minha família assim, estendendo para primo, tios e tal, não é fanática assim por esporte e futebol, todo mundo gosta e tem um time ponto, mas o meu pai, Sérgio Yamaoka Sobrinho, ele sempre foi muito fanático pelo Santos, desde criança assim. Então, ele é, vinha de uma família bastante humilde e não tinha dinheiro para fazer, é, passeios de lazer assim diferentes, vamos dizer assim. Então, o rolê entre aspas dele e do meu avô José, era basicamente viajar com a torcida jovem do Santos, a principal organizada do clube até hoje, desde quando ele era muito criancinha assim. Então, ele sempre foi torcedor fanático dos Santos, frequentador assim de estádio e tal, parou um pouquinho antes de eu nascer, depois que eu nasci, e retornou com mais frequência depois quando eu tinha lá meus, é, oito, dez anos, por aí, então é isso, assim, a minha paixão, ela é algo de família, meu pai sempre escutou muito rádio, então tem muitas recordações assim, de tipo, ele me pegar na escola no meio da semana para a gente assistir um jogo de Libertadores à noite, é, da gente ouvindo muito rádio, pré-jogo, pós-jogo, as entrevistas coletivas, e eu sempre fui

muito inserida no ambiente do esporte, eu sempre pratiquei muito esporte, eu competia, é natação, viajava para competir, nunca fui atleta profissional, mas eu também sempre vivenciei o ambiente das outras modalidades, né? Eu joguei handebol também um tempo, fui até disputar um campeonato na Europa. Eu gostava muito de me inscrever para ser voluntária nos eventos, então, eu fui voluntária na paraolimpíada do Rio de Janeiro, na Copa da, ai como que é o nome, Copa das Confederações em 2013, se não me engano, que era o evento teste para a Copa do Mundo de 2014 aqui no Brasil. Então, eu sempre assim, assistia sempre palestras, ficava procurando na internet tipo, grupo de encontros sobre, é, futebol, gostava de qualquer programa relacionado ao futebol em si, além, claro, de frequentar os jogos do Santos desde sempre.

I: Como analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

J: Olha, essa participação feminina, ela vem aumentando nos últimos anos, né? Eu entrei na Rádio BandNews FM, há quase quatro anos, eu entrei no dia 18 de setembro de 2018, logo depois da Copa da Rússia, então vou fazer quatro anos de rádio, né. E, quatro anos consequentemente frequentando estádio como repórter. Quando era estagiária da TV Gazeta, eu também frequentava o estádio, CT, mas eu era estagiária, então, basicamente, assim, ficava mais um trabalho de observação, não colocava muito a mão na massa não, de ter responsabilidade de fechar matéria essas coisas, né. Então, é acompanhando um pouco, né do meio da faculdade para cá, eu vejo que cresceu bastante essa participação é, especialmente assim, tô falando do esporte, né, é especialmente na TV. Então, na TV eu acho que o mercado tá sendo mais receptivo, né? A gente tá vendo é, narradoras, comentaristas, antes era mais uma função de repórter e muito de bastidor também, né, de produção e edição, mas no rádio ainda vejo que é muito difícil assim, muito difícil, basicamente, aqui em São Paulo é, éramos eu e Alinne Fanelli, as duas da BandNews FM, aí agora a gente tem a Isabelly, né Morais, pela Rádio Bandeirantes também. Mas é muito difícil ver repórter assim nos outros veículos, até tem, mas são os veículos de menor expressão, né, web rádio, por exemplo, esses blogs segmentados de clube. Então eu vejo que, resumindo, teve sim uma melhora é, especialmente, na televisão, mas eu ainda acho que é pouco. Eu acho que assim, as mulheres elas merecem mais oportunidades né? No sentido de é, de quebrar esse tabu, esse paradigma, de colocar a gente mais no protagonismo e, muitas vezes, eu sinto que os lugares, eles exigem que as pessoas entrem prontas sabe, e às vezes, por ter menos oportunidade na faculdade, na formação é, é natural que, às vezes, você tenha menos mulheres preparadas no mercado, infelizmente, e esses lugares não querem lapidar, não querem investir, não querem ensinar para apostar e no futuro é, ter uma grande repórter, por exemplo, uma grande apresentadora, uma grande enfim. Então, eu vejo que falta às vezes sensibilidade também na formação, né? Por não termos tantas oportunidades e, consequentemente, na hora ali de estar entre os principais, você tem menos mulheres, né? O que é muito triste, mas que a gente que tá nessa batalha aqui no dia a dia, e a gente tenta

representar da melhor forma possível, abrir caminho também para outras, como abriram para nós, mas é isso.

I: Como a mulher é vista dentro dos veículos e comunicação ligados ao esporte?

J: Então, Isa, assim, eu acho que, eu tenho a sorte de trabalhar num lugar que tem uma visão muito diferente assim da mulher, né, a BandNews, ela tem, por exemplo, em todos os programas, né, do jornalismo, âncoras homens e mulheres, a nossa editora executiva que é a Sheila Magalhães, é uma mulher, então, o cargo mais alto da rádio é ocupado por uma mulher. Na redação, eu acho que, meu, mais de 50% é mulher ali, deve ser, sei lá, entre 55 e 60, 65 assim, essa margem assim de ser mais da metade, isso para todos os cargos, né, de estágio, de edição, de fechamento. Então, eu vejo que é um lugar que dá muita oportunidade para mulher, eu me sinto muito à vontade de trabalhar lá, é, de ser ouvida, de não ter divisão, assim, as coisas mais importantes são os meninos que vão fazer. Então, eu trabalho numa bolha, vamos dizer assim, que não é um lugar que é comum das mulheres encontrarem no ambiente de trabalho, né? O que é muito triste. Então, é, eu acho que, no geral, é, as mulheres, elas são, tem de provar mais, né? Especialmente falando no esporte que elas conhecem, é, qualquer erro tem uma repercussão muito maior, colocar toda prova o conhecimento assim, né, isso, infelizmente, existe no ambiente do futebol. Mas eu vejo que os colegas que estão vindo né, essa renovação aí da galera da reportagem, principalmente, são pessoas que já tem uma cabeça mais aberta, mas é como é que eu posso dizer, você percebe um respeito ali entre os colegas, é, principalmente, quando eles vão conhecendo mais a fundo o trabalho, né? Então, de troca de conhecimento, de dúvida, de enfim, do coleguismo que a gente tem, principalmente na reportagem do rádio, a gente se ajuda muito assim, sabe? Então, eu acho que é uma coisa que tem modificado para melhor.

I: Já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo e/ou já presenciou casos de machismo contra colegas de profissão?

J: Então, Isa, como eu falei, eu venho de uma geração que é um pouco mais jovem, que tá renovando o mercado, e na maioria dos casos não dá margem para é, esse tipo de coisa sabe? É, e o que deveria ser um normal, né? Deveria ser uma exceção, deveria ser um comportamento padrão. Por uma questão né, de igualdade de gênero e tudo isso que você já sabe, mas assim é, sempre tem, não tem um caso assim para mencionar nossa, aconteceu tal coisa, não que me vem agora assim sabe em mente, mas assim a gente sempre escuta alguma piadinha, algum elogio excessivo, né? Principalmente nas redes sociais, eu recebo muita mensagem legal de ouvir. Eu não sou muito assim é, assídua nas redes sociais, né? Tem semanas que eu posto, sei lá, um story por dia, tem semanas que eu não posto nada, então, eu não tenho uma constância, algo que eu preciso melhorar assim, até para interagir mais com as pessoas que me acompanham,

mas de vez em quando recebo mensagens bem legais e tal, é, da mesma forma que eu também respondo, eu recebo mensagens chatas assim sabe, tipo, fica elogiando demais, é, aí eu respondo, ah obrigada, a pessoa vai começa a perguntar é solteira, não sei o quê, então tem uma coisa do público também do futebol que ainda é bastante machista e entre os colegas assim bem menos atualmente, mas recordando desde quando eu era estagiaria até o jogo de ontem, por exemplo, às vezes surge algum olhar malicioso, uma piadinha, coisas que infelizmente a gente já tá tão craque de lidar, que às vezes, a gente até normaliza e passa batido, sabe, que não deveria. Mas sempre tem, sempre tem e isso é uma coisa que, infelizmente, vai demorar para mudar, uma questão de educação, uma questão cultural, e que a gente precisa tá muito, muito firme sabe, bem psicologicamente para saber lidar e, quando não souber lidar também, não tem problema, eu acho que não é todo mundo que é obrigada aguentar algo pesado, alguma crítica, né, que não é construtiva e buscar ajuda, né, conversar com chefia, conversar com colegas e enfim. Se não gostar de alguma coisa ali na hora, falar também, então, a gente tem que estar, infelizmente, sempre preparada para esse tipo de situação, que às vezes ela é suavizada, né, pela frequência de vezes que acontece e isso não pode acontecer, então, é complicado assim, é bem complicado.

I: Quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

J: Olha, eu acho que são vários desafios, Isa, e assim, primeiro que o mercado do jornalismo esportivo, ele é muito saturado, né? Então assim, às vezes dá um desânimo porque são as, eram sempre as mesmas pessoas até um passado recente, parecia nunca ter vaga, parecia que tipo, era um negócio, assim, para poucas pessoas, né? Isso faz com que a gente, muitas vezes acabe se colocando num, é, em pensamentos ruins né, de inferioridade, de ah, não é para mim, nossa, as pessoas são um outro nível, muito melhores, eu acho que sempre vai ter alguém melhor que a gente, sempre vai ter alguém pior, né? Então assim, os meus principais desafios foram, principalmente, quando eu saí da faculdade, quando eu deixei meu estágio na TV Gazeta, eu demorei entre aspas, eu falo eu demorei, mas cada um tem seu tempo né, um ano e meio pra ser contratada pela BandNews FM, né? Mas eu brinco que eu esperaria o quanto fosse necessário para viver hoje o que eu vivo, que é a vida dos meus sonhos, entre aspas, eu acho que é o que eu falei cada um tem seu tempo, tem seu processo, é natural que a gente fique se comparando né, com as pessoas da nossa idade, que querem as mesmas coisas que a gente, mas cada um tem seus objetivos, suas metas e nem sempre a gente vai conseguir aquilo na hora que a gente quer, e eu acredito muito que sempre tem um motivo, né? Ou a gente ainda precisa estar preparado para isso, trabalhar um pouco mais, até chegar a oportunidade, mas nunca deixar de trabalhar, porque a oportunidade vai vir, né? Eu acredito que quem trabalha, quem tem uma boa índole, quem é, não quer derrubar o coleguinha sabe, eu acredito muito que as pessoas boas sempre vão ter espaço no mercado, é só uma questão de tempo, de sorte, de atitude. Então, eu nunca deixei de acreditar no meu trabalho nesse tempo que eu esperei pra ter o cargo que eu queria na

reportagem sabe? Então, foi um desafio essa espera, porque eu investi muito em estudo, investi muito na parte mental também, de saber lidar com isso, eu fiquei fora do mercado esse tempo aí, de um ano e meio, recebi alguns nãos, mas nunca desisti, então, foi um desafio essa transição da faculdade para o emprego com carteira assinada definitiva ali, né? Outro desafio, eu acho que, é para evitar isso, é que não dá para voltar para trás e ficar fazendo as coisas de uma né, ficar pensando que poderia ter feito diferente, mas eu teria, eu comecei a estagiar logo no segundo ano da faculdade, eu acho que no começo assim do segundo ano. Acho que é um bom período. Eu, se eu fosse recomendar para alguém, eu não falaria pra pessoa esperar muito para estagiar é, e tentar sempre buscar uma oportunidade de emprego no fim da faculdade que te, que tem a chance de você crescer e ser efetivado, né? Porque às vezes pode não ser no cargo que você quer, no lugar que você quer, exatamente, mas por exemplo, quero trabalhar com futebol, então, você tem que estar sendo visto no mercado, você tem que dar um jeito ali de ficar, e moldando ali dentro do que você tem, até chegar aonde você quer sabe, então, acho que o principal desafio para mim, foi essa transição da faculdade até a BandNews. Mas, a vida é muito engraçada porque aí depois também que eu consegui meu emprego na BandNews, eu comecei a ter outros desafios sabe, e hoje eu tenho outros, então, vai muito de fase assim, eu acho que a gente tem que estar sempre, é, se renovando, nunca ficar estático na nossa profissão, buscando sempre melhorar, porque são muitos desafios, né? A gente é colocado a prova ali o tempo inteiro, tem que estudar muito, tem que se renovar, hoje pensar em rede social, pensar é, em rede social, dentro de rede social tem várias coisas, né, pensar nos vídeos lá de reels, que deu muitas visualizações, pensar também na nossa imagem como profissional né, nas redes sociais, é pessoais, é hoje, eu também faço trabalhos na TV, né? Então, não é só rádio, eu sou repórter também de TV, comentarista também, então, a gente tem que estar sempre assim, se renovando, então, por isso que eu acho que os desafios são muitos na nossa profissão.

I: Você trabalha na emissora pioneira do futebol feminino e cheia de mulheres incríveis ao redor, isso é um incentivo a mais?

J: Ô se é um incentivo a mais né, trabalhar com muitas mulheres que fizeram história no esporte, então, é, poxa, eu vou falar mais assim da minha geração, porque a gente teve outras antes das que eu vou mencionar, mas é, a Paloma Tocci, é, nesse momento atual da pandemia, que a Band trouxe a Cris Dias, a própria Glenda Kozlowski, é, as repórteres mulheres da TV, eu, Alinne e a Isabelle no rádio, é, tudo isso cria um ambiente para você ser mais estimulada, né. Então, quando a Glenda chegou na Band, eu tive a oportunidade de tocar o podcast com ela né, o projeto do podcast começou comigo e com ela, hoje o podcast tem 55 episódios e ela gravou os 10 primeiros comigo. É, e assim, foi uma experiência incrível, incrível trabalhar com a Glenda, porque ela sempre foi a minha referência no esporte olímpico, sempre fui muito fã dela, né. Então, assim, o que ela acrescentou de conhecimento, é, hoje nós somos amigas, jamais imaginei. Nossa eu lembro quando a Band anunciou a contratação dela, eu pirei, assim, foi um

negócio assim, muito marcante, quando eu vi ela pela primeira vez na Band, tirei uma foto, abracei, quando eu comecei o projeto com ela, eu nem acreditava que tava rolando isso e ela me tratando ali de igual para igual é, aprendendo a fazer rádio, né, que ela em anos de carreira, nunca tinha feito rádio agora tá arrebentando, ela tem um programa diário na BandNews FM do Rio é, enfim, é uma parceria que ficou com as portas abertas assim, sabe, eu espero que um dia a gente possa fazer muitas coisas juntas, mas com certeza, quando você tem uma referência, um peso grande no mercado ali do teu lado, acessível para trocar ideia e trabalhar junto, nossa, é muito estimulante, é muito importante assim, até para essas pessoas saberem o legado que elas estão deixando né, que a gente tá chegando, é, por causa de pessoas como ela, que trabalharam muito e hoje eu tenho ela como uma das minhas referências, né. Trabalhei também na Olimpíada de Tóquio no BandSports com várias mulheres assim, que nem eram jornalistas, mas eram do esporte mesmo, né, então, a Fofão do vôlei, a Jaque Silva, é, enfim, a Calandrini, né no futebol feminino, assim, é muito legal quando a gente tem mulheres de diferentes pesos e currículos trabalhando juntas assim, é bem saudável.

I: Você trabalha tanto como repórter, como comentarista e, também tem um podcast, cada uma dessas funções se conectam? Quais os desafios? Qual você prefere?

J: Ai adorei essa pergunta, é bem complexa assim, né. Então, as funções elas se completam, com certeza, mas cada uma tem a sua característica, né? Então, por exemplo, vou começar pelo podcast, o podcast eu mesma faço a produção, então, eu que entro em contato com assessora ou com atleta, eu que marco o horário no estúdio, eu vou lá gravo, edito esse material, subo no YouTube, nas redes sociais, os estagiários me ajudam, mas eu faço todo o processo ali de criação né, então, é assim, no rádio a gente tem um pouco menos de glamour do que a TV, é mais mão na massa porque a redação é mais enxuta, enfim, então acaba acumulando função e, mas é importante para o processo de aprendizagem assim, porque eu acabo criando uma independência sabe, eu não gosto muito de depender das pessoas fazendo coisas pra mim, eu gosto de ir lá resolver, quando eu vou marcar horário no estúdio, eu já sei qual que é o melhor horário para mim, eu sei se vai ter ou não livre, então, acaba também acelerando um pouco o processo assim, sabe, e no podcast eu fico como uma mediadora, uma apresentadora, então, eu dou muito espaço para o atleta falar, dependendo do que ele responde, eu pego e faço uma pergunta dentro da pergunta, eu vou mais assim, é, mediando, jogando informações, mas é diferente assim. Aí na rádio como repórter é informação pura né, então, entrando no ar, dando os destaques é, o que que tá acontecendo, é, apuração, enfim, exige todo o cuidado com a locução, a postura no ar, o tempo que eu tenho para falar, depende do programa que eu vou entrar a abordagem é diferente, é um programa mais sério, é um programa mais descontraído, dá para ter um uma interação ali com o âncora, é, poxa, o âncora tem intimidade com esporte ou não, consigo brincar com o time que ele torce, então, toda entrada no ar, ela depende de muita coisa né, especialmente, do programa que eu tô, da notícia que eu vou dar, do tempo que

eu tenho para dar essa notícia, principalmente. No BandSports, eu atuo mais como comentarista, né. É, tem um programa de quinta-feira à noite que se chama Maratona BandSports, com Álvaro José, que é o principal nome Olímpico no Brasil do jornalismo, isso eu não tenho a menor dúvida, principalmente, em termos de narração. É, e aí eu comento, eu dou a minha opinião, então, por exemplo, a Seleção de Vôlei masculino foi convocada para o mundial, aí eu vou falar qual que é a minha opinião sobre a lista de convocados, se tem algum atleta que é destaque ou não, é, que que eu espero do Brasil nessa competição, como foi o retrospecto recente do Brasil nas outras competições e o que que isso afeta no desempenho que a gente espera do Brasil no Mundial. Então, aí é mais comentada, a minha opinião, né, e a gente tem entrevista também dentro do programa, aí entra um pouquinho lá do repórter, de querer apurar, entender o que o atleta tá me falando. Então, assim, as funções elas se misturam, elas têm características muito particulares e definidas, mas eu vou usando uma coisa na outra né, então, quando eu vou comentar, por exemplo, eu uso muita informação de base para comentar né, é, o repórter vai lá e vai falar, olha é o sei lá, o Lucarelli foi o maior pontuador do jogo, fez tantos acertos, é, e o comentarista vai pegar esse dado e vai né, poxa o Lucarelli foi o maior pontuador porque ah, sei lá, ele deu muitos bloqueios, ele chamou a responsabilidade, teve um momento no jogo que aquele ponto foi crucial, ele foi lá e fez, depois foi no banco descansar um pouco e voltou, sei lá, então, eu pego muita informação que eu tenho como repórter pra ajudar nos comentários, no podcast é, eu uso as duas coisas, né, um pouco de comentário e um pouco de reportagem. Na televisão né, que agora eu tenho feito é, eu comecei a fazer reportagem pro Esporte Total, boletim do Santos, eu uso a informação que eu já tenho na rádio ali no dia a dia do Santos, como que treinou, mas eu preciso ter uma postura que eu tô aprendendo ainda, de televisão, cabelo vai para frente, vai para trás, como que segura o microfone. É, então, assim, uma coisa vai complementando na outra, mas o mais importante, eu acho, de tudo, eu acho não, tenho certeza, eu não tenho preferência tá dessas funções, eu gosto de, desse dinamismo, de não fazer só uma coisa, porque eu sou uma pessoa muito dinâmica, se eu ficar ali só ali na mesma coisa, na mesma rotina, eu piro, é dar trabalho, é uma loucura, mas eu gosto desse dinamismo, assim, eu não tenho preferência, cada função tem uma coisa que eu gosto, mas o principal que eu ia te falar, é ter conteúdo, que é o mais difícil, então assim, você sentar a bunda na cadeira e estudar, é o mais difícil, muita gente, infelizmente, não faz isso, e vai no arroz com feijão, vai no que ouviu de alguém falando e repete o comentário. Então, ter o conteúdo é o mais difícil, eu acho que esse é o meu forte, de ser estudiosa, de ser aplicada, e o resto tudo se aprende, a linguagem do rádio, a postura da TV, perder a vergonha, é, ter uma boa locução, o resto tudo se aprende, se você se esforça e realmente quer, você vai aprender, mas o conteúdo em si, são poucas as pessoas que têm. Isso é fato.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

J: Acho que as mulheres tiveram muitas conquistas, né, no jornalismo esportivo, eu espero que tenham ainda mais, né. Quem eu trabalhei, assim, de pioneira, foi a Regiani Ritter que tá até hoje na Rádio Gazeta, né. E na época eu fazia parte da equipe da Rádio Gazeta e ela tinha um programa de manhã e a gente convivia, né, bastidor de corredor, de trocar uma ideia. É, então, você vê que essas pessoas, elas abriram muitas portas, né, Regiani entrevistava jogador no vestiário, imagina né, única mulher na época que tava fazendo isso lá no gramado, é, quebrando barreiras, né. Então, agora a gente tá vendo, vivenciando o ambiente de Copa do Mundo, fico muito feliz pelas mulheres que estão sendo convocadas para cobrir o evento, assim como foi na Olimpíada de Tóquio, então, é muito legal a gente ver esse protagonismo né, de feitos é, históricos, de matérias publicadas é, por mulheres, de programas esportivos tradicionais apresentados por mulheres ou com participação de alguma forma né, nos comentários ou na reportagem é, quando eu tô em jogo decisivo, jogo grande e vejo repórter mulher lá, o que às vezes não é tão comum, então, eu fico feliz assim de ver o espaço, sabe. Porque todo mundo pode ter um protagonismo né, acho que ninguém precisa, não precisa ser só uma, duas, três. Eu acho que tem espaço para todo mundo, um dia sou eu, outro dia você, então a gente vai crescendo junto, então é muito legal a gente ver as conquistas de antigamente né, dessa quebra de paradigma que foi muito mais difícil, da gente mantendo né, segurando esse sarrafo lá no alto, e das mulheres ocupando espaços também que antes eram impensáveis, né, como o espaço da narração, talvez seja o mais difícil deles né, e resistir também as críticas é, e a, aos comentários maldosos que a gente sabe que não são construtivos né, que estão ali para machucar e para ofender de alguma forma e tentar é, intimidar né. Mas, eu fico feliz, a gente celebra junto, tenho muitas amigas jornalistas esportivas e espero que as que trabalham, principalmente, no veículo de menor expressão tenham chances de um dia mostrar o seu trabalho para mais pessoas.

I: Como você avalia a sua trajetória no jornalismo esportivo? Você teve conquistas?

J: Olha Isa, meu principal objetivo é cobrir uma Olimpíada presencialmente né. Eu, hoje eu sou uma referência na cobertura do esporte olímpico né, eu sou muito reconhecida entre os meus colegas de BandNews, da Band em si, é, dos outros amigos que fazem a cobertura olímpica, dentro do Comitê Olímpico do Brasil, conheço todos os dirigentes, todo mundo sabe quem eu sou. É, já tive uma coisa que aconteceu que foi muito legal, eles terem me convidado para cobrir o prêmio Brasil Olímpico, né, os melhores do ano né, de todas as modalidades, eles fizeram em Aracaju no ano passado, com a ideia de descentralizar o COB assim, porque o COB, a sede fica no Rio né, então tudo era Rio-São Paulo, então, eles levaram pro Nordeste, eles me convidaram para cobrir, bancaram a minha ida é, eu fiquei muito honrada porque foram poucos jornalistas convidados né, do país inteiro. É, com certeza outra conquista foi a minha contratação no BandSports, né. Eu fui contratada para fazer a Olimpíada de Tóquio com eles e depois eu nunca mais saí, né, eu conquistei meu lugar fixo na bancada do Maratona BandSports,

que tem o Álvaro José que é a maior referência em esporte olímpico é, como apresentador, e eu e o TK, o Thiago Kansler, que é repórter da TV, nós somos os comentaristas titulares, vamos dizer assim. Então, essa foi uma grande conquista assim, tem muita gente boa na Band, muitas pessoas que entendem do esporte olímpico e eles tipo, me contratam para fazer é, esse programa né, eles me pegaram da rádio, entre aspas, sendo que tinha gente na TV que poderia fazer, tava mais perto deles ali e me escolheram né, para fazer parte do programa, até hoje, então, já faz um ano isso, né, que eu tô no BandSports. Então, essas conquistas assim olímpicas, sabe, sendo que o Álvaro José tem onze jogos olímpicos né, presenciais, acho que são onze presenciais, enfim, não importa, mas são onze e eu tenho um né, que foi Tóquio, que eu fiz daqui. Então, foi uma grande conquista também a minha performance durante os jogos de Tóquio, porque as pessoas que mais entendem de esporte olímpico a maioria foi pro Japão né, pela Band. A gente tava na pandemia, no momento mais restrito assim, de viagem e tal e eu fiquei e fui uma das referências na cobertura sabe, é, consegui fazer coisas daqui, mesmo com dificuldade, então, por exemplo, eu tinha uma entrevista exclusiva por dia no ar, eu conseguia entrevistar o diretor geral do COB durante a cerimônia de abertura lá do estádio. Então, assim, eu fiquei muito feliz com o meu desempenho olímpico, acho que é um sonho né, cobrir os Jogos Olímpicos de Paris em 2024, o Pan de Santiago no ano que vem. Tô trabalhando muito para isso, é, então, acho que esses objetivos olímpicos, eles foram os mais relevantes assim. É, no futebol, eu acho que é um sonho mais é, particular assim, porque, poxa, eu pensar que eu comecei a fazer jornalismo, porque eu amo Santos e a, coincidiu de cobrir o Santos na rádio, então, futebol, eu assim, o meu sonho ele é muito simples assim, o fato de eu ir até a Vila Belmiro, que é um lugar que eu frequento desde criança e fazer um jogo do Santos é muito representativo para mim, é um recado de que eu cheguei lá, entendeu? Eu tô numa das maiores rádios do país, eu sou mulher, que já tem essa dificuldade do mercado ser muito mais restrito, tô na reportagem do rádio, que é o mercado mais restrito ainda para mulher, fazendo um clube gigante, né, que, infelizmente, não vive uma boa fase, então, essa questão de viajar pra cobrir jogo, fazer uma final, é, acaba sendo uma barreira, né. Porque o desempenho do time é, ele influencia muito também no nosso, nas nossas, nas nossas oportunidades né, como repórter, mas eu fico muito feliz assim, às vezes eu vou cobrir um jogo de menor expressão, né, não é um clássico, assim por exemplo, e eu tô toda feliz na Vila, porque minha família também tá lá e é algo que significa muito pra gente né, um lugar muito especial, então, eu me sinto assim, realizada sabe, é por ter conseguido esse objetivo de trabalhar com futebol e trabalhar com o clube que começou com essa paixão, né. Então, é muito gostoso assim, eu me sinto muito realizada só de fazer o meu ao vivo ali todos os dias, de fazer as transmissões do futebol que é muito difícil, né, muito tempo ao vivo, é muita responsabilidade, é pro Brasil inteiro, a BandNews tem um nome muito forte no mercado é uma das rádios que tem a maior audiência, então, assim, eu me sinto muito, muito realizada. E daqui a um tempo eu vou me sentir mais, porque aí se Deus quiser, eu vou colecionar é, uma grande cobertura como uma Olimpíada, por exemplo, no currículo, né? Então, eu estudo muito para

isso, me dedico muito no meu dia a dia, é um trabalho de formiguinha e eu fico assim, extremamente, realizada. Ontem, por exemplo, eu sempre encontro algum colega da Casper no estádio assim, né, toda vez a gente se encontra, não necessariamente a mesma turma né, às vezes fez outro curso, é um pouco mais velha, um pouco mais novo, mas é ali da convivência da faculdade né, e ontem eu encontrei um amigão meu, porque a gente fazia a rádio junto na universidade, na Rádio Universitária. Então, assim, eu lá lendo meu boletinzinho para meu pai e mais dez e olhe lá, e essas pessoas que estavam lá né, também fazendo a mesma coisa que eu, e hoje a gente tava, ontem a gente tava fazendo uma semifinal de Libertadores, sabe? Cada um pelo seu veículo, mas ali na reportagem, então, é muito gratificante, a gente é, olhar para trás e ver que, que tudo deu certo sabe, que eu ia sábado lá de manhã, só atender telefone de ouvinte, três pessoas ligavam, mas eu ficava feliz da vida, porque para mim era uau, estou atendendo o telefone aqui do ouvinte. E tem que ser mesmo, é que ouvinte no rádio é essencial, mas eu digo assim sabe, na simplicidade, eu ia lá para atender telefone, colocar água para apresentador, falar alguma coisinha se precisasse no ar e hoje eu tô na BandNews, então, assim, isso já valeu, eu acho que a gente precisa começar a valorizar as coisas simples, que não são simples, porque cada conquista conta, cada conquista conta, de uma cobertura gigante até uma coisa que pode para muitos não ser muito relevante, mas a gente tem que celebrar sim, porque é muito difícil chegar nesse patamar de estar num veículo grande né, de comunicação.

I: Na sua opinião, as profissionais do jornalismo esportivo, realmente são inspirações para meninas mais novas? Qual a sua inspiração?

J: Ah, eu acho que é fundamental você ter inspirações né, dentro da área. Eu tenho várias, tanto de homens quanto de mulheres, pessoas que eu nem conheço muito pessoalmente, mas que às vezes a gente tem nas redes sociais assim, eu admiro muito o Mauro Beting, porque ele é um cara que assumiu o clube de coração e não deixa de ser profissional por causa disso, conheço muito pouco, mais de dar oi, de rede social, é um cara que eu sempre acompanhei desde da faculdade, mas eu gosto muito de pessoas de outras emissoras né, por exemplo, o Marcelo Courrege que foi correspondente na Rússia na época da Copa, hoje mora em Paris, já fez é, cobertura em Londres também, é um dos meus repórteres preferidos. Gosto também de repórter que não tá aqui no eixo Rio-São Paulo, por exemplo a Nadja Mauad, né, não sei se é assim que fala o nome dela, que inclusive tava fazendo cobertura do Athletico Paranaense ontem. Acho muito legal as pessoas que se destacam saindo né, do, da grande mídia né, paulista e do Rio, é, essas são pessoas de outras emissoras, mas falando da Band em si, cara, eu gosto muito, minhas inspirações olímpicas são Glenda Kozlowski, Álvaro José, o Álvaro pela sensibilidade dele de ser uma pessoa muito legal nos bastidores né, um grande narrador. Acho que foi o narrador que mais narrou medalhas do Brasil em Olimpíadas. É um cara que hoje é um amigo. Aprendo muito com ele assim, um momento sagrado pra mim toda quinta-feira, tá lá naquele programa, e a Glenda pela simplicidade dela né, ela foi tetra campeã mundial de body board, ela é uma

baita de uma mãe, ela se reinventou na carreira durante a pandemia né, saiu da Globo pra vir pra Band, é, faz um ao vivo na espontaneidade, uma pessoa muito generosa. Então, olimpicamente são os dois, né? E no futebol para mim é a Marília Ruiz, né. A Marília que é uma grande amiga é, também faz parte da BandNews FM. Gosto muito da personalidade dela, ela é uma pessoa muito justa, muito franca, muito transparente, é, sempre muito coerente com os valores dela como profissional, quando erra sabe reconhecer os erros, né, também corinthiana assumida, mas nem por isso deixa de conhecer muito bem dos outros times, não deixa de estudar é, tem uma rotina pesada, porque também é mãe e, tem muitas atribuições no BandSports né, além da BandNews FM, gosto muito da leitura que ela tem de jogo. E, quando ela decide ali, e para minha sorte, que ela quer ter alguém ali do lado é, para contar né, muito leal na amizade assim, defende como se fosse minha mãe assim, meus interesses, minhas frustrações, brigas, alegrias, ela tá sempre lá comigo, é uma pessoa muito de verdade e que eu sei que faria por mim o que poucos fariam, de tão leal que ela é, então, ela, acho que são várias inspirações aí, de outras emissoras, é olímpicos e do futebol, mas se eu parar mais cinco minutos para pensar, eu falo mais pessoas, fora quem não é conhecido assim, sabe dos bastidores, esses aí também. A Marília é uma pessoa de bastidor, a Glenda também, o Alvinho, mas é, pessoas da produção que me ajudam ali no dia a dia, na redação, que não medem esforços para divulgar meu trabalho, as pessoas que me dão oportunidade, me chamam para gravar, para fazer alguma coisa, porque querem que seja eu, porque gostam do meu trabalho né, as pessoas dos bastidores, elas têm um papel é, muito, muito importante na minha vida, e na Band são vários, vários mesmo.

I: Um momento marcante que o esporte e o jornalismo te proporcionaram.

J: Ah Isa, eu acho que os momentos mais marcantes são as realizações dos sonhos, né. Então, coisas que eu nem imaginava que seria possível atingir ou já atingi, que no caso é trabalhar em uma grande emissora, né, meu sonho sempre foi trabalhar em uma grande emissora e hoje eu trabalho, meu sonho sempre foi ser repórter em uma grande emissora e hoje eu sou, meu sonho sempre foi conseguir trabalhar com rádio e eu trabalho com rádio, meu sonho também era conciliar rádio com televisão e hoje eu faço isso, então, só aquelas coisas da rotina que a gente acaba às vezes esquecendo e que sempre foi um sonho. Eu tinha um sonho de cobrir jogos dos Santos, podia ser uma final, mas podia ser a primeira rodada do Paulistão e eu consegui realizar esse sonho, é, sonho de trabalhar com o esporte olímpico, de ter meu podcast, tudo isso que eu estruturei hoje, sempre foi um sonho, então, mas hoje assim, o maior objetivo que eu sei que vai me levar para outro patamar na carreira, de experiência, de currículo, de notoriedade, é a cobertura de uma olimpíada. E aí depois que eu cobrir uma Olimpíada, eu vou querer cobrir uma Copa, mas a Olimpíada para mim tá em primeiro plano sempre. Então, acho que esse é o meu maior sonho, meu maior objetivo. Só para complementar, eu acho que, mais o sonho realizado né, que eu falei o sonho que eu queria, o sonho realizado foi a minha primeira transmissão na Vila, na Vila Belmiro assim, foi muito emocionante estar ali, foi um Santos e

Atlético Goianiense pela Copa do Brasil em 2019. Mas eu não lembro quanto foi o jogo, eu sei que o Santos ganhou, foi o jogo de volta, se não me engano, e foi muito marcante, porque foi a primeira vez que eu entrei lá como repórter e, eu vi meu pai ali perto de mim, aquilo para mim foi uma viagem túnel do tempo assim, sabe, esse foi o momento até aqui, mais especial, mais especial assim, então, essas primeiras vezes que eu fui como repórter assim, na Vila, foi muito marcante assim, muito, as primeiras vezes que eu fui pra rua né, pela BandNews FM assim, foi muito legal assim. Nossa, sou repórter, eu olhava assim meu microfone e falava cara, eu não acredito que eu tô aqui. Então, esse momento assim, simples, entre aspas, mas foi bem de coração assim, foi uma noite mágica assim para mim. Estar ali com quem me ajudou a realizar tudo isso, que foi meu pai, esse jogo para mim foi bem marcante, foi assim, cheguei sabe?

I: Você tem alguma sugestão de livros, séries, cursos, para indicar para quem deseja seguir na área?

J: Olha Isa, eu sou meio desligada assim com série, filme, essas coisas, eu sou bem assim, rede social como eu falei, eu vou bem mais assim na dica das pessoas que me falam: nossa você viu tal filme? Nossa tal, mas acho que para quem tá começando ou quem deseja, né, seguir na área do jornalismo, eu acho muito legal assim ter essas referências dos filmes que retratam a profissão, mas mais do que isso, eu acho que o estudo é muito importante sabe, muita coisa eu lembro assim do Santos, e claro é uma consequência, porque eu já acompanhava desde criança, então os títulos conquistados, os grandes ídolos, isso facilita muito assim, quando você vive o futebol não só o seu time, essa bagagem, né, de vivência, ela já ajuda quando você chega ali na profissão sabe? Então não tem uma, livros nem séries assim para indicar, mas para quem tá na faculdade também, vale a pena sim fazer uma faculdade assim, que eu digo, é vivenciando a faculdade, vivenciando as possibilidades de laboratório, se o professor pedir pra ler tal livro, leia, estude, porque é, a nossa profissão, ela é muito prática. Então, eu acho que a faculdade, ela oferece esse grau mínimo de estudo que a gente precisa ter como base, né. Muita gente cobre buracos da escola na faculdade, então eu acho que tem que fazer uma boa faculdade sim, não acho que tenha que, fazendo as coxas e nem ir passando só por fazer porque jornalismo se aprende na rua, eu acredito nisso sim, mas eu acho que o diploma ele é muito importante no sentido de você vivenciar a faculdade, né, também não adianta você fazer uma puta faculdade e simplesmente cagar ali para o que ela tem para te oferecer, né. Muitos professores ajudam em estágio ou então, eu acho que tudo que puder agregar de conhecimento, isso inclui né, as séries e os filmes, eu acho que tem que ser feito. A gente, jornalista, tem que ter repertório né, e tem que ter poder de improviso, uma coisa tá ligada a outra né, então, por exemplo, essa semana teve aquele atentado, aquela tentativa de assassinato da Cristina Kirchner, pô, quem que é, a

vice-presidente da Argentina, no mesmo dia suspenderam o campeonato argentino por causa disso né, que até decretaram o feriado, então tudo está relacionado a esporte, precisa ter repertório, precisa ter estudo, precisa ter conhecimento. Então, tem que ir atrás mesmo né. Os livros, estou até olhando aqui no meu quarto, aquele Fama e Anonimato do Gay Talese, né, que é um dos filmes aí que todo mundo lê na faculdade. Então tem que ler né, tem que ter essa base, então eu não tenho um em especial assim pra, acabei falando o nome do livro, mas para indicar, mais biografias, também eu estou para ler, eu li a do Ricardo Boechat, né, por motivos óbvios, que ele trabalhou na BandNews FM, mas eu gosto muito de ler biografia, também relatos é, acompanhar também os jornalistas nas redes sociais, como é que o trabalho deles, o que eles fazem, quanto mais cedo é, estagiar, melhor. Ai meu sonho é trabalhar, sei lá, na Globo, então bate na porta, você conhece alguém que conhece alguém, vai lá passar um dia, vai lá ver como é que é, vai levar o currículo. Acho que as pessoas precisam também aprender a correr mais atrás, ouço muita gente falando, ah, eu quero fazer o que você faz, eu fico superfeliz falando, nossa que legal, mas às vezes eu também falo pô, o que você tá fazendo para conseguir, você tá batendo na porta de quem? você está estudando? você tá fazendo o quê? Está aprimorando currículo, aprendendo um segundo idioma, fazendo uma boa faculdade, então assim, as pessoas precisam também correr atrás, porque é um mercado muito saturado e só quem realmente é diferenciado vai chegar lá, claro que existe gente que tá lá e que não é bom, existe né, existe questão de contato é, questão de que acha que não tá no nosso alcance, que não é só o conhecimento que leva a pessoa lá, isso existe em qualquer profissão, em qualquer área da vida. Mas no geral, a pessoa precisa ser uma pessoa diferenciada, né, porque como eu falei, é um mercado saturado, são poucas vagas, poucas emissoras grandes, então precisa desde a faculdade desenvolver essas habilidades, desenvolver o seu currículo, porque não adianta esperar se formar para ver o que quer fazer né, não dá, principalmente no jornalismo esportivo, precisa já ter experiência assim, e na faculdade muita gente já consegue coisas legais, já conseguem um bom estágio, entrar no ar numa rádio, na BandNews os estagiários, por exemplo, de vez em quando, consegue entrar no ar, né, são supervisionados, fazem matéria. Então, eu acho que quem se abre né, fala assim, olha eu tô a fim de fazer isso, como que eu posso fazer? Me ajuda? Acho que essa é a principal dica. Aí eu já respondo meio que na última junta assim, da minha consideração final, que é acreditar muito no seu trabalho, mesmo quando as coisas não parecerem muito claras, mesmo quando a oportunidade não vier, não deixar de trabalhar por isso, não deixar de acreditar nisso, fazer tudo que tiver ao seu alcance, ah vai ter a palestra do PVC falando sobre tal coisa em tal lugar, vai, ai porque meu professor trabalha com jornalista esportivo, vai falar com a sua professora, ah porque eu tenho um amigo que trabalha na Band,

vai lá falar com seu amigo para conversar com o chefe e deixar o currículo, ah eu, segue no Instagram todo mundo. Então, assim, precisa correr atrás, porque jornalismo é dinâmico, tem que ter cara de pau. Não dá para ser tímido, não dá para esperar, tem que correr atrás e sempre vai ter alguém para ajudar, sempre. Eu contei com muitas pessoas na minha vida que estenderam a mão para mim e me ajudaram. Então, por causa do meu caráter, por causa da minha boa vontade, porque eu tava ali ralando e tava todo mundo vendo. Então, acho que o mais importante é isso e, também viver a vida real, que acho que tem muita gente que fica vivendo muito vida de rede social, sabe de, eu não tenho nada contra pelo amor de Deus, tá, eu admiro quem consegue ter uma boa administração dessa venda é, da marca pessoal, né, eu acho que eu preciso trabalhar nisso também, né, que é o que eu te falei, que é um dos meus desafios, mas viver mais na vida real, sabe, porque, às vezes, a gente, tem muita gente que fala assim, nossa, porque tal pessoa fez isso, fez aquilo, cara, não é bem assim, né, as aparências às vezes elas enganam muito. Então, a gente tem que viver a vida real, fazer ali o trabalho do dia a dia, sempre com muita honestidade, ajudando também outras pessoas que vão precisar da nossa ajuda, e viver mais essa vida real. Sabe aquela vida de quem come quieto, faz ali todo dia e trabalho de formiguinha, né, não é só nos momentos grandes que a gente tem que ter visibilidade não, é ali no dia a dia, o trabalho de construção é, enfim.

Decupagem entrevista com Lívia Abreu

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão e área de atuação.

Lívia: Meu nome é Lívia Abreu, tenho 23 anos, sou jornalista, me formei recentemente, no final de 2021. Atualmente, eu tô trabalhando com gerenciamento de atletas, mas eu tenho experiência como comentarista e como repórter.

I: Quando você começou a se interessar e trabalhar com jornalismo esportivo?

L: Ai eu quero trabalhar com jornalismo esportivo desde os dez, onze anos, desde criança mesmo. Eu gostava de acompanhar o futebol com meu pai, aí, eu não sabia que tinha como trabalhar na área, aí assistindo programas esportivos, eu falei: nossa, interessante, quero isso. Então, sou decidida desde criança e nunca pensei em fazer outra coisa e atuar em outra área.

I: E assim, a questão de time e jornalismo. Como que você separa a Lívia profissional da Lívia torcedora?

L: Durante a faculdade, pelo menos nos primeiros anos, era um pouco mais complicado. Talvez até por ser estudante, até fazia parte de torcida organizada, apoiava o Santos até o fim, eu ainda apoio, eu gosto dos Santos, mas hoje em dia eu sou menos clubista. Eu acho que isso você vai tendo até o final da faculdade, quem gosta mesmo de futebol vai mudando. A Lívia de 18 anos, 19 anos, não imaginava talvez, acompanhando outros times que não fossem o Santos. Hoje em dia eu não vejo problema, de ir em outros estádios, de conhecer outras pessoas que torcem para outros times, de acompanhar o futebol 100%. Então, hoje em dia, a Lívia é isso aqui, eu gosto do Santos, amo o Santos, mas não tenho problema em frequentar outros ambientes. Até, há umas duas semanas eu fui para Floripa para ver o jogo do Santos, mas eu quis acompanhar o jogo do Figueirense, né, que tava na série C e foi jogar contra o Botafogo, inclusive de Ribeirão, aí eu fiquei na torcida do Figueirense, mas como eu sou do interior, fiquei meio assim meu Deus, Botafogo podia ganhar. E foi uma experiência muito legal de conhecer outras pessoas, então, hoje em dia é isso. E, até algo que já me falaram, todo mundo que começa no jornalismo esportivo é por algum motivo, se quer seguir na área do futebol é porque torce para algum time, então, eu não vejo problema em falar que sou santista, desde que eu tenha coerência nas minhas opiniões e não seja clubista.

I: Como você analisa a representatividade feminina nas redações de publicações esportivas?

L: Antigamente tinha menos, hoje em dia a gente tem mais, não só nas redações como também na TV. Igual a dez anos atrás, que foi quando eu decidi ser jornalista esportiva, eu tinha como referência só a Renata Fan, hoje em dia tem uma série de jornalistas que são referências para mim que já me formei, como para você que tá se formando e para outras pessoas que sonham em ser jornalistas também, então isso é muito legal hoje em dia.

I: Quais foram seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

L: Ah sem dúvida, foi talvez saber por onde começar, porque a gente se forma né, e fica um pouco perdido, e, também o jornalismo esportivo tem várias áreas, tem assessoria de imprensa, tem gerenciamento de atletas, que eu tô agora, tem TV, rádio, enfim. Então, acho que talvez o maior desafio foi ver qual área eu queria seguir e começar por ela, né, porque talvez, isso no Brasil ainda é muito fechado, a gente não sabe muito por onde começar, quais, talvez, meio sejam melhores, então acredito que essa parte mesmo.

I: Qual a sua análise a respeito do aumento de mulheres no mundo esportivo?

L: Eu acho que tá numa crescente muito interessante, que nem eu falei anteriormente, há 10 anos atrás não tinha tantas referências e hoje a gente tem inúmeras, em vários meios também, principalmente no jornalismo esportivo, algo que vem crescendo do ano passado para cá, que antes não era comum é comentaristas de futebol, comentaristas e narradoras, hoje tem várias, né. Tem tanto na TV aberta quanto na TV fechada e isso é muito interessante. Então, fico bem feliz nessa crescente, acredito que daqui, por exemplo, cinco anos vai ter muito mais nessas áreas, que talvez seja também, é uma dica para quem quer entrar no jornalismo esportivo e participar de transmissões como comentarista e narradora, porque as melhores aí já estão lá em cima, já tem, já estão no espaço ocupado. Então tem espaço.

I: Lívia, para o futuro do jornalismo esportivo, você acredita que teremos igualdade de gênero e salário? Como você analisa isso?

L: Ah então, eu tenho um pouco de medo, porque igual é, que nem eu falei, na internet tudo que a mulher ainda faz é muito atacada, mas eu espero que sim, que ao mesmo tempo que na internet tem esse lado ruim de muito ataque, também tem pessoas te apoiando e que faz você crescer, principalmente, por multi meios, não só no Twitter, mas Facebook, aí a pessoa que gosta também do TikTok, ela vai lá e produz conteúdo dela no YouTube, então eu acredito que em breve terá essa igualdade também, pode ser, a internet pode ajudar nisso.

I: Essa questão da Internet, que pode tanto ajudar quanto atrapalhar, abre leques para quem ainda não sabe qual área quer seguir. Como você avalia isso?

L: Ah, com certeza, que foi também onde eu comecei. Antes de entrar para faculdade eu fui convidada a fazer parte de um blog, Futebol Por Elas, que era para escrever crônicas, pós-jogo, então eu entrei na faculdade já sabendo a base, sabendo o lide, sabendo escrever certinho, então, é hoje em dia tem muita coisa, tipo, se não tem algum veículo que você possa entrar, cria um blog, cria um site, se você gosta mesmo de falar então cria o TikTok, então isso ajuda bastante, porque nem tudo a gente aprende na faculdade, às vezes até não dá tempo. É no próprio jornalismo esportivo também, na minha faculdade eu aprendi poucas coisas, aprendi mais na área mesmo, trabalhando, do que na faculdade. Isso é muito em bastante profissão, às vezes também não só o caso do futebol. Tem outras coisas, automobilismo, que é algo que a gente não aprende nada, né? Só na prática mesmo e fazendo. Então, eu super indico para quem gosta, para praticar na internet.

I: Você já foi comentarista, repórter. Qual a diferença entre cobrir os eventos esportivos como jornalista e agora passar para gerenciamento de atletas, você sentiu uma diferença, foi difícil de se adaptar, a parte de já comentar, já acompanhar, te ajudou para a parte de gerenciar?

L: Sim, porque na parte de gerenciamento é como se a gente cuidasse da carreira do atleta, é como uma assessoria mesmo, mas aí a gente tem que analisar, por exemplo, o rendimento dele, fazer scout. Então, me ajudou bastante nessa parte analítica de ver o jogo, por exemplo, tem um jogador que eu sou fã aí, que você sabe me segue no Twitter, o Zanocelo, eu vejo que ele é muito importante no elenco do Santos, mas talvez não esteja rendendo por faltar peças, então, ter essa parte analítica mesmo ajuda bastante em ambas as áreas que você queira seguir.

I: Você tem preferência por alguma área do jornalismo esportivo ou o que vier vai dar o melhor?

L: Ah, eu faço um pouquinho de tudo, né? O que vier eu participo, mas meu sonho mesmo é ser repórter de campo, eu acho que quando eu conseguir isso eu vou, finalmente, falar não, cheguei aonde eu queria.

I: Na sua opinião, as profissionais do jornalismo esportivo são inspirações para as mais novas? Qual a sua inspiração?

L: Pelo menos no ensino médio minha única inspiração era a Renata Fan, aí depois veio as setoristas da TNT Sports, na época era EI, que cobre fora, a Clara Albuquerque, a Tati Mantovani. Então, a maioria mesmo foi mulher, até no finalzinho da faculdade eu fiquei bem feliz com a crescente de tipo, antes, eu tinha, sei lá, cinco inspirações, hoje a gente já tem várias, então foi sim, acho que é muito importante para as meninas isso.

I: Como você se sente sabendo que já é inspiração para meninas mais novas?

L: É muito emocionante, né? Porque eu nunca imaginei fazer parte disso tudo. Uma menina até me chamou esses dias, falou que eu era inspiração, fiquei, meu Deus como assim, então como eu sou inspiração acredito que você também vai ser um dia.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

L: Com certeza, porque igual, antes, a Renata Fan foi a primeira mulher a comandar uma mesa, né? Tipo fazer bate-bola ao vivo e hoje em dia tem várias. Então é só isso que eu tenho para falar. Vão ter que vão ter que aturar.

I: Você já teve conquistas?

L: Acho que o meu último trabalho que eu fiz é, como repórter no Portal Meu Peixão, que inclusive quero mandar um abraço para o Felipe que é o dono, que foi escrever matérias né, poder entrevistar jogadores e, principalmente, de base, para quem gosta de futebol e entrevista um atleta de base é muito massa, porque daí futuramente, você vê tipo, ele estourou. Na faculdade, por exemplo, acho que a minha maior conquista, que eu estudei em Santos na Unisanta, foi entrevistar o Rodrygo Goes e tipo, ele é atleta do Real Madrid, ganhou a Champions League. Então isso é muito da hora. Espero que um dia eu entreviste o Rodrygo ganhando outra Champions, mas lá na Europa.

I: Momento mais marcante que o jornalismo e o esporte te proporcionaram?

L: Acho que esse mesmo que eu falei né, de entrevistar o Rodrygo na faculdade. Na época ele tava saindo do Santos, já ia para o Real Madrid. Eu achei isso muito da hora e hoje ver que ele foi protagonista de um título do Real Madrid, sem ele o Real Madrid não teria ganhado a Champions. Então até o momento foi esse. Espero que futuramente tenha muito mais.

I: Você tem alguma sugestão de livros, séries, que possam ajudar quem deseja seguir no jornalismo esportivo?

L: De livro é, Pirâmide Invertida é muito bom, do Klopp também, tem o livro do Guardiola. Acho que são livros fundamentais, e acompanhar um pouco de tudo sabe, às vezes é complicado por conta de horário, mas é muito importante você conhecer cada campeonato, futebol feminino também, que é algo que eu amo, eu acompanho também desde infância. Então, a dica que eu dou é essa né, sempre aberta a novas possibilidades. Porque por mais que talvez você queira ser repórter, pode ser que não tenha vaga de repórter, mas tem uma outra vaga, então, você tem que estar preparado para ela.

I: Para finalizar, suas considerações finais.

L: Só te desejo boa sorte no seu TCC, essa fase eu sei como é complicada, ano passado eu surtei, mas no final dá tudo certo. E, para quem quer seguir no jornalismo esportivo para não desistir, que nem eu falei, ser aberto a várias áreas, ter bastante contato é muito importante também, não tem vergonha de chegar através daquele, no Twitter daquela pessoa que você gosta, chega a falar mesmo, que isso pode ser muito importante. E é isso, Isa, só tenho que agradecer o convite que foi bem legal.

Decupagem entrevista com Nathalia Ferrão

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão e área de atuação.

Nathalia: Meu nome é Nathalia Ferrão, tenho 34 anos, trabalho na área do jornalismo e, por paixão, na parte do jornalismo esportivo.

I: Nath, quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

N: Eu ainda tô nesse processo. Hoje as oportunidades são maiores, assim, Graças a Deus, com a chegada da oportunidade na ESPN, mas é um processo. A gente está ali no dia a dia. Eu sempre entendi que era, é um processo constante, eu brinco que eu não tinha esse sonho, mas eu passei a ter esse sonho e construo ao mesmo tempo. É uma linha que trabalha em paralelo e eu não me vejo consolidada, eu me vejo nesse processo de ganhar meu espaço, de ser reconhecida por aquilo que eu apresento naquelas coisas que eu entrego nas transmissões, em programas esportivos, em lives, ou o que quer que seja. Então, eu acho que eu tô num processo bacana, num caminho legal para chegar a esse ponto.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

N: Acho que já, algumas. E aí se você pegar, se você for conversar com a Regiane Ritter, com a Luciana Mariano, elas vão te dizer mais, elas vão conseguir descrever isso melhor do que eu, né. Porque elas estão há muito tempo nisso. E eu falo que eu sou sortuda, porque eu peguei muito pouco da parte ruim ainda. Eu sei que vai ter coisas aí que vão vir e que talvez eu ainda não tenha visto dessa parte não tão boa, mas eu acho que são conquistas muito boas, de espaço, de lugares e a tendência é que no futuro próximo, ou não tão próximo, nós tenhamos ainda mais conquistas.

I: Você já teve conquistas? Como está a sua caminhada em construção?

N: Tá uma delícia, tá bom demais. Eu já tive algumas. Eu citei aqui, eu ter sido convidada para fazer a cobertura de um final de Libertadores, dois times brasileiros, o Maracanã, repórter de TV, eu sou repórter de rádio, não sei nem falar para vídeo. Falei vocês são maluco, vocês são doidos, mas foi, me deram a oportunidade. Então isso para mim foi muito bom. É acho que final de Campeonato Brasileiro Feminino, de ver aquele lugar lotado, final de Campeonato Paulista Feminino. Acho que são coisas que vão ficar assim, eu sou, mais uma vez, eu sou muito grata, porque as pessoas confiaram a mim a oportunidade de fazer grandes eventos esportivos com milhares de pessoas assistindo, acompanhando e, não sei por que, mas me botaram lá.

I: Você tem alguma sugestão de livros, séries, para indicar para o pessoal?

N: Ah, tem os cursos de análise de scout que eu acho que é fundamental e importante, principalmente, para quando você for fazer análise de jogo, eu acho que ajuda bastante. Eu fiz um e vou fazer mais um agora e já tenho outro encaminhado. Tem alguns livros, o próprio livro do Pep Guardiola, que é um livro para ter na cabeceira, Pirâmide Invertida, não dá para você sentar e ler aquele livro como se fosse um romance ali que você tá lendo, você vai ler ele de pedaço, é um livro também de cabeceira. Eu acho que tem algumas coisas que dá para fazer, até mesmo quem vai trabalhar diretamente com o público, em relação a comunicar, a falar ali, não tanto nos bastidores, mas de você entender a forma que você precisa agir, porque são vários perfis diferentes quando você pensa nas áreas de comunicação que você vai atuar, seja no Streaming, TV, Rádio, a forma que você se comunica é diferente, então tem uma ideia de como isso acontece para você não usar de uma coisa muito formal quando você for fazer um jogo num streaming, ou quando você for fazer um jogo da TV, como que você tem que se comportar. Acho que são partes aí do processo.

Decupagem entrevista com Elaine Trevisan

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão e área de atuação.

Elaine: Meu nome é Elaine Trevisan de Mendonça, eu tenho 34 anos, eu sou jornalista, mas eu atuo como narradora esportiva dos canais do grupo Disney.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

E: Cara, sim, tiveram. Essa é uma opinião muito real minha, porque eu acho que, eu falei, me formei em 2010, são 12 anos de formada, mas, muito mais tempo assistindo TV, lendo jornal.

A internet, quando chega, chega muito forte, eu acho que isso é visível. A gente, é igual eu falei, quando eu era pequenininha, eu não tinha uma presença, eu não conseguia olhar na TV e ver uma apresentadora de programa que ela não tivesse ali para encaminhar o convidado da hora que ele entrasse no estúdio até sentar numa cadeira, que não fosse ver uma mensagem sabe, que ela não fosse fazer um merchan, uma propaganda. Hoje, eu vejo mulheres mediando mesas de debate, comandando, colocando ali sua opinião, é visível aos meus olhos de que era consumidora e que hoje é comunicadora, sabe. Então, essa transformação é nítida, essas conquistas para mim são palpáveis, porque eu vivo uma delas, eu tô narrando, e a primeira vez que me falaram, quer narrar, não porque eu não tinha, não olhava e não via mulheres narrando, sabe. Eu espero que meninas hoje, cresçam falando, quero ser uma narradora, melhor que ela. Essa realidade, não tem como falar que não teve conquistas. Eu vejo elas e vivo elas. Eu, de uma telespectadora, passei para uma comunicadora, uma repórter, que ia para o campo, que entrevistava. Eu vejo e eu vivencio essas conquistas. Então, sim, tiveram várias.

I: Você teve conquistas no jornalismo esportivo?

E: Sim, eu acho que tá no canal que eu tô hoje é uma grande conquista, porque eu fui, sou né, telespectadora desse canal e foi o canal que eu sempre sonhei em trabalhar. Onde eu vi a minha primeira Champions, que é um campeonato que me emociona, não tá mais lá hoje, mas enfim, foi ali que eu comecei a ver os jornalistas que eu admirava, que eu olhava e que de alguma certa forma, eu falei cara, vou ser jornalista por causa desses caras, eles, eu vi a primeira vez nessa emissora, eu encontro as pessoas hoje no corredor, tipo, alguns companheiros de trabalho e eu finjo costume, mas depois eu paro e falo meu Deus, olha o mundo que eu tô sabe. Então, pessoalmente, eu tive várias conquistas, essa talvez agora, a que tá mais latente, né, porque eu tô vivendo isso agora. Das que você falou, né, coisas que talvez eu não imaginei que eu fosse fazer, talvez a ESPN agora seja um grande sonho, que tá acontecendo, mas eu já narrei jogo de Champions League, que é uma das competições que me fascina, eu já narrei jogo de Libertadores, in loco, e olha que eu fui narrar no Paraná, que foi onde eu nasci, no meu estado, tipo, sei lá, as coisas acontecem. Eu narrei uma EuroCopa Feminina, Na ESPN, a maior edição das Euros, tipo, audiência bombando, lá em cima, eu vivi para sentir esse momento, do crescimento do futebol feminino numa competição surreal, com jogadoras que meu Deus, são espetaculares, que estão disputando melhor jogadora, ganhando bola de ouro, enfim. Eu acho que a Euro pode ser minha principal das últimas conquistas, porque essa, falava, ai sou narradora de Euro, tirava uma onda com isso. É uma coisa muito boa, mas enfim, eu participei

da primeira transmissão da Federação Paulista do Campeonato Paulista, e hoje o Campeonato Paulista, é o campeonato com a maior premiação para as mulheres. Olha a evolução que a gente teve, eu fiz o primeiro sabe, vários outros depois. Ai tem muitas conquistas, cada hora que eu vou pensando em alguma coisa, eu vou lembrando, mas talvez um dos sonhos maiores e último, foi estar na ESPN, né, entrar na ESPN e a Euro foi uma grande realização para mim também, mas ali eu já faço Premier League, agora toda semana, mas já fiz o Derby de Manchester, fiz Libertadores, faço campeonato italiano, Super League, já fiz algumas finais, Libertadores Feminina, mas a Euro, eu acho que é o último campeonato, então, assim, de novo que a gente teve uma das grandes realizações.

I: Elaine, você tem alguma sugestão de livros, séries, documentários, para indicar?

E: Sim, vários. Agora tô com vários livros aqui na minha frente, porque essa mesa aqui do doutorado tem vários, mas um livro é esse, eu sou apaixonada por esse livro Futebol Feminino, mas aí é mais para quem se interessa com futebol, para quem se interessa pelo futebol feminino. É, mas vamos lá, de podcast eu consumo muito o podcast, e não é porque é da firma que eu tô falando, mas é um podcast que eu gosto muito, que chama Futebol no Mundo, que é da ESPN, tem também aí para vocês ouvirem em todas as plataformas digitais, que ele vai falar muito sobre futebol internacional, que são transmissões que eu faço, então eu procuro tá ali sempre ligado, e sempre traz uma partezinha de entrevista e tudo mais com algum jogador. Eu assisti uma série recentemente que chama The Notebook, eu acho que tá na Netflix, que são entrevistas com os principais, principais não, mas treinadores, que de certa forma se destacaram, então, tem o treinador de tênis da Serena Williams, tem o Mourinho, enfim, treinadores que de alguma forma se motivaram e eles falam lá, eu acho muito importante para o jornalista ele entender algumas coisas também dentro do esporte, a gente tem muitos comentaristas que vivenciaram o esporte, que foram atletas e hoje comentam, acho que eles têm um comentário diferente, porque eles viveram aquilo, diferente da gente que estudou e muitas vezes não teve ali num alto rendimento, numa competição dentro da quadra, de futebol. Então, esse documentário eu acho bem interessante. Filmes de jornalismo, eu acho que a gente tem vários e de casos até importantes que a gente pode falar aqui, mas vamos tentar um mais atualizado. Acho que todo jornalista também tem que ler um livro que chama Big Tech, para entender o que a gente vai passar aqui nesse mundo de tecnologias novas.

Decupagem entrevista com Jordana Araújo

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão – bem no geral mesmo.

Jordana: Bom, eu sou a Jordana Bruna Gomes de Araújo, mais conhecida como Jordana Araújo. Eu tenho 28 anos, sou estudante de jornalismo também, mas já atuo na área, eu sou estagiária na BandNews FM, mas eu faço diversos trabalhos por fora. Na BandNews FM, eu atuo com jornalismo geral e esportivo, mas a minha área de atuação fora da BandNews FM é o esportivo, sobretudo com mais incisão ali no futebol feminino, faço alguns trabalhos também, com futebol masculino, mas de três anos para cá, a minha proximidade com a modalidade do futebol feminino aumentou muito, então, tenho essa proximidade maior.

I: Quais seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

J: Mulher, ainda tô caminhando, ainda tem muito passo para dar e tal, mas olha, lidar com o racismo estrutural, tá, que é algo que ele mata, ele te mata se você permitir, e o fato de eu estar aqui hoje não me faz uma pessoa melhor do que as outras que desistiram tá, então assim, é muito difícil e até hoje eu sinto algumas questões muito fortes por conta do racismo estrutural, por exemplo, eu tenho muitos colegas que já viajaram, fizeram cursos fora do Brasil, tem um preparo melhor por conta da sua condição, enquanto pessoa branca, que não precisou trabalhar como babá, como arquivista, caixa, assistente administrativa, auxiliar administrativa, para conseguir uma faculdade, então conseguiram despontar na frente, nesse sentido, tem um preparo melhor e maior para chegar até essa fase aonde eu estou, então eu acho que o principal desafio foi passar pelo racismo estrutural e, aliás, passar não, porque ele ainda existe, né, mas conviver com racismo estrutural, conviver com essas questões ligadas ao fato de eu ser mulher e querer falar de esportes dentro do jornalismo esportivo, e na carreira, é o caminho de todos os dias, linkado com essas duas coisas que eu te falei, acho que todos os dias para mim é um desafio diferente, né. A gente não abordou muito isso ao longo da nossa entrevista, mas a maternidade também é um desafio. Então, essa pergunta, a resposta mais correta além dessa, além de tudo que eu te falei até agora, todos os dias é desafiador. Todos os dias é um ponto diferente a superar.

I: Na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

J: Sim, nós tivemos, e dá para a gente citar aqui, a gente teve uma Ana Thaís Matos comentando para TV aberta recentemente, o SporTV tem aberto mais oportunidades, tem uma Fabíola Andrade, você tem convidados que eles fazem questão de trazer, tem a Renata Mendonça também, que é um grande marco para a gente que gosta de futebol, para a gente gosta de futebol

bem comentado, ela é incrível, no campo da narração, na própria Globo, porque a Globo é referência em TV aberta, então cada avanço que se tem ali, acaba impactando de um modo geral, teve a Renata Silveira. Trazendo para a parte de pessoas próximas, tive minha amiga Elaine Trevisan ganhando oportunidade na ESPN, a minha outra amiga Camila Garcia também ganhando oportunidade. São conquistas recentes, mas conquistas bacanas, mas eu ainda volto a dizer que falta muita coisa. É importante, são passos que a gente tem que comemorar, algumas dessas pessoas que eu citei, como eu disse, são minhas amigas pessoais, então eu comemorei muito, vibrei muito com elas, tive esse privilégio de estar próxima e viver esse momento de conquista com elas, mas ainda falta muita coisa.

I: Você teve conquistas no jornalismo esportivo?

J: Sem dúvidas, para mim cada passo, cada oportunidade é uma conquista, principalmente se a gente contextualizar a nossa entrevista do início ao fim. Então eu valorizo cada oportunidade, ter sido uma das primeiras meninas negras a comentar uma competição pela Federação Paulista, para mim foi um grande marco, de estar junto ali com a Juliane Santos, que também é uma mulher negra, caminhando junto ali, é muito importante. Poder adentrar nesses locais com meu Black Power, sem sofrer julgamentos, é uma conquista importante. E, cada novo passo que eu dou, cada porta que se abre, para mim é uma conquista. Então, hoje eu faço um balanço, obviamente, tirando ali aquela coisinha da ansiedade, que sempre pega a gente, quando eu olho para trás, eu tenho muito orgulho da minha trajetória, tanto que eu falo que se hoje, porventura, acontecer alguma coisa que não me permita continuar nessa caminhada, eu tenho muito orgulho do que eu fiz nesses últimos quatro anos, quatro/cinco anos e não me arrependo de nada. Não me arrependo de fazer intrajornada entre dois trabalhos, de sair quatro horas da manhã da minha casa para atuar no Centro Logístico, e cinco horas tá lá na Arena Corinthians para fazer credenciamento por uma web rádio para fazer um jogo da Seleção e nem saber como voltar para casa. Tenho muito orgulho de ter trabalhado de domingo a domingo durante, praticamente, um ano para conseguir uma oportunidade. Tenho muito orgulho de conseguir conciliar por um período aí considerável três trabalhos ao mesmo tempo, a maioria deles não remunerado, voltado para o jornalismo esportivo, mas que me ensinaram muito e que me abriram portas. Muito orgulho de ter feito parte da cobertura de campeonato de base, que foi muito importante para mim, foi muito bacana, recentemente a gente teve nossa Seleção sub-20 conquistando o terceiro lugar da Copa do Mundo, na Colômbia, e eu vi essas meninas, eu tive a oportunidade de ver essas meninas no sub-16, no sub-20, tive oportunidade de conversar com Jonas Urias, entender a ideia dele e tá em casa assistindo esse jogos e falar pô, ele falou que ia fazer isso,

pô, ele falou que tava de olho nessa menina e essa menina tava lá, sabe, de ter tido esse contato mais próximo com Jonas Urias por conta da cobertura desses campeonatos. Tenho muito orgulho de ter coberto o Paulistão três anos consecutivos, estar na minha terceira edição de Paulistão consecutiva, espera aí, 19, 20, 21, 22, quarta aliás, consecutiva do Paulistão Feminino e tem muito orgulho também, de ter chegado na Band, de estar lá como estagiária, ter feito parte de momentos triste, porém marcantes para nossa história, em momentos que eu aprendi muito, então eu tenho muito orgulho de cada passo. A gente vive numa sociedade que leva muito em consideração status, né, de você, vale muito mais o que você tem hoje em dia, do que você ser. Então, vale mais a quantidade de seguidores que você tem, o lugar onde você tá, o quanto você influencia a vida das pessoas, mas eu tenho um orgulho do que eu sou, do que eu passei e de onde eu estou atualmente. Então, eu tenho sim muito orgulho, de cada passo dessa caminhada até aqui. Tenho muito orgulho de estar aqui também, conversando com você, da sua escolha como entrevista para um momento tão marcante para você, que é um TCC, então não tem como não me sentir orgulhosa de cada passo até aqui.

Decupagem entrevista Juliane Santos

Isabela: Primeiramente, sua apresentação – nome, idade, profissão – bem no geral mesmo.

Juliane: Bom, meu nome é Juliane dos Santos, eu estou com 33 anos, sou formada há nove anos no jornalismo esportivo, sou comentarista hoje, comentarista de futebol, no geral, feminino e masculino, atuo pela Eleven Sports, Federação Paulista de Futebol e, também na Rádio Trianon. Faço, também, alguns textos pelo Yahoo Esportes. Então, hoje é uma profissional multiplataforma**.**

I: Quais foram seus maiores desafios para se consolidar no jornalismo esportivo?

J: Resiliência. Eu acho que essa é a palavra, tem que ser muito resiliente Isa. Porque assim, vai ter muito obstáculo pela frente, ainda mais pelo fato da gente ser mulher, tem esse aspecto porque para o homem no jornalismo esportivo é mais fácil, porque ele é homem, mas só pelo fato dele ser homem, só pelo gênero dele e as coisas ficam bem mais fácil. Agora para a gente, pelo fato de ser mulher, já tem um tabu. Então, a gente tem que ser muito resiliente. Então, acho que a resiliência, é essa palavra, para que eu pudesse permanecer, porque na época passou várias vezes em parar, várias vezes, várias, chegava falava, caramba, eu passei por isso hoje, será que é isso que eu quero para minha vida? Cheguei a pensar isso várias vezes, em vários aspectos assim, de você tá no meio que é hostil e você não receber aquela oportunidade, não te tratar

como tal, e isso acaba nos enfraquecendo, chateia, e por isso que vem muita das vezes né, assombrar nossa mente para desistir. Mas aí, como você acabou de mencionar, quando a gente confia no nosso trabalho e sabe que ama e se profissionalizou para aquilo, aí você continua, e vem pessoas também, sempre atrás, conversar com você, sempre tem algum anjo, ou da família, ou um amigo, ou colega de trabalho também, fala não, continua vamos lá, você não pode desistir, então foi isso uma dessas coisas que não deixei a peteca cair e continuei, eu sempre falo muito isso, para pessoas que estão iniciando jornalismo esportivo, pessoas que estão finalizando também, como você, é ser resiliente, né. Principalmente as meninas, mulheres, ser resiliente nessa profissão, porque, e não desistir, porque uma hora vai dar certo e outra, ah, ninguém tá me vendo, você pode ter certeza de que tem alguém te vendo sim. Tem alguém te observando.

I: Ju, na sua opinião, as mulheres tiveram conquistas no jornalismo esportivo?

J: Eu acho que sim Isa, é óbvio, tipo, ainda é pouco, mas já é plausível. Para a gente, que ainda mulheres, que estão nesse ambiente hostil, a gente tem que comemorar a cada conquista que uma conseguir, que uma irá para a Copa do Mundo fazer uma transmissão lá no Catar, vai estar representando eu, você e várias outras mulheres, já é uma conquista. Então, na transmissão 100% feminina do Derby da Premier League também, representou todas nós, é uma baita de uma conquista, você fala caramba, me representa, isso também é uma conquista. Na transmissão 100% feminina no Campeonato Paulista, no Brasileirão Feminino, também é uma conquista. E quando a gente vê essas mulheres que vem abrindo, como eu falei, um pouquinho lá atrás, abrindo esses caminhos, essas conquistas que elas vêm obtendo, é realmente para a gente se ver nelas, se representar na nossa vida, porque você fala caramba, ela conseguiu, eu também posso conseguir um dia e assim, e eu vou trabalhar para isso. E outras mulheres vão se espelhar na Isa, vão se espelhar na Juliane, na Renata, na Ana Thaís e vice-versa. Então, eu acho que, eu vejo assim, que tem conquistas muito legais que as mulheres vêm obtendo, inúmeras. A gente vê agora, também, a Pia, como a nossa treinadora, muitas treinadoras mulheres dirigindo os clubes no futebol feminino. Isso também é uma baita de uma conquista.

I: Ju, você já teve conquistas no jornalismo esportivo?

J: Já, nossa, ontem eu tava estudando para o Paulistão Feminino que vai começar essa quarta-feira, dia 10 de agosto, passou várias coisas na minha mente, porque lá em 2016/2017, eu tava engatinhando ainda na modalidade, tinha um canal no YouTube, não produzo mais conteúdo lá, tá parado, e eu falava muito de futebol feminino lá, assim, e depois que me chamaram para

fazer uma transmissão oficial pela Federação Paulista de Futebol na época, fiquei muito feliz de ser repórter lá e comentarista e assim, me marcou foi o Paulistão Feminino sem dúvida, e obviamente, o Campeonato Brasileiro que eu fiz lá na Rádio Poliesportiva, que foi como comentarista, Santos x Grêmio, e, também, como comentarista de São Paulo x Bahia, mas o Paulistão Feminino, Isa, me marcou de modo assim, surreal, porque eu consegui pegar todas essas edições que foram recordes de público. Eu consegui pegar todas. E isso para mim é um marco, me marcou bastante e eu levo, eu tenho um carinho especial demais pelo Paulistão Feminino, que hoje na modalidade é a maior competição que tem, no aspecto de, até financeiro, melhorou ainda mais, principalmente agora, entrou a Centauro. Enfim, tá muita gente, a Globo que vai também, SporTV que vai transmitir, tem muita coisa boa rolando e eu tenho um carinho muito especial, porque abriu uma oportunidade para mim e é aquilo que eu falei lá atrás, também, participei um pouquinho do pioneirismo, de consolidar um pouquinho essa história que vem fazendo o futebol feminino desde 2017. Então, foi algo que me marcou, consegui participar das finais, então, é algo que eu levo para minha vida, me marcou foi o Campeonato Paulista desde 2017, o feminino.

Decupagem entrevista Raffaella Carolina

Isabela: Primeiramente, sua apresentação, nome, idade, profissão, pode ser bem no geral

Raffaella: Primeiramente, me chamo Raffaella Carolina, tenho 23 anos, eu sou formada na área de comunicação social, sou formada em Rádio e TV, mas, atualmente, eu também atuo com a área de jornalismo esportivo, atuo na parte de futebol feminino, então eu faço parte de alguns blogs é, como o Planeta Futebol Feminino, que é um blog que fala tanto da modalidade aqui no Brasil quanto no mundo, também faço parte do Reinas del Balón, que é um portal na Espanha que fala do futebol feminino também como um todo e, o De Primeira que é mais voltado para análises, ambos são voltados para o futebol feminino no caso. Eu me graduei o ano passado em Rádio e TV, me formei esse ano, mas me graduei ano passado e, atuo nessa área do jornalismo esportivo desde 2019, mais precisamente, desde a época da Copa do Mundo.

I: Quando surgiu o interesse em trabalhar com jornalismo esportivo?

R: Na verdade, eu sempre gostei muito de esporte, principalmente do futebol, desde muito pequena, tanto que em casa, a gente tem essa questão de inversões de papéis, porque fala assim, a menino tem sempre que gostar de futebol, só que em casa foi muito ao contrário, desde os quatro anos sempre gostei muito de ver futebol, com seis também, eu comecei a ver mais jogos

de futebol, comecei a acompanhar mais, e aí eu já me interessava pelo futebol, mas eu tinha muito interesse em fazer direito, dos meus oito até os meus 15 anos, eu queria muito fazer direito. E aí eu pensava muito fazer na área de direito esportivo, alguma coisa voltada para o futebol. Com 16, eu comecei a mudar um pouco essa questão, porque eu vi que o direito não era muito a minha cara, tudo que era uma coisa muito formal, você tem que ter aquela formalidade, que com o tempo eu comecei a perceber que não ia fazer muito sentido, e aí eu comecei a ver que eu precisava e queria muito ir para o futebol, só que ficava vendo outras áreas. Com 16 eu pensei em fazer, eu tava entre Educação Física e Jornalismo, aí com 17 eu comecei a pesquisar um pouco mais sobre o Jornalismo, e aí eu vi que era uma área que se encaixava melhor, a comunicação social como um todo era uma área que encaixava melhor, que eu sempre gostei muito de ler, sempre gostei muito de escrever. Então, aí eu acabei me encaixando nessa área mesmo da comunicação social com 17 anos

I: Rafa, você já sofreu preconceito por ser mulher no jornalismo esportivo ou já presenciou algum caso de machismo contra colega de profissão?

R: Então, geralmente, eu vejo muito nas redes. Presencialmente, eu vi muito com a questão das árbitras, por exemplo, dentro de campo. Em alguns jogos que fui cobrir 'in loco', começarem a xingar a árbitra, de começarem a ser super machista. Enfim, utilizarem palavras de baixo calão para falar da árbitra. Então, assim, realmente são coisas que a gente acaba vivenciando, mas na internet mesmo, acontece muito. Principalmente, se a gente for pegar a Ana Thaís Matos, que acho que é uma jornalista que sofre vários comentários. Inclusive, eu vi um caso de um jornalista que era super machista, que pedia para as mulheres enviarem fotos, assim, fotos sexuais. Então, assim, eu presenciei mais nas redes mesmo, dos caras, às vezes, serem muito machistas com as mulheres e só porque era uma mulher dentro do jornalismo estava comentando, por exemplo, de futebol, ou tava comentando de esportes ou política, né? Que é um meio também muito conservador, então, presenciei mais nas redes mesmo.

I: Rafa, na sua opinião, você acha que as mulheres têm conquistas dentro do jornalismo esportivo? Você já teve conquistas na área?

R: Assim, eu acho que a questão de você ter uma certa influência, de você ser lembrada, por exemplo, para ir em algum programa, ou para você acabar comentando algum jogo, assim, eu fico muito feliz quando isso acontece, de ser lembrada, de ser mencionada, ser chamada para algum programa, mas assim, eu acho que isso é o mínimo. A gente precisa ter mais conquista

dentro do jornalismo. Uma conquista que eu acho muito legal, da gente comemorar, é a questão de mais mulheres terem espaço dentro da narração esportiva, ou mulheres, por exemplo, sendo diretoras executivas dentro das redações.

Decupagem entrevista Gabriela Nolasco

Isabela: Primeiramente, sua apresentação, nome, idade, profissão, pode ser bem no geral mesmo

Gabriela: Bom, eu me chamo Gabriela Nolasco, eu tenho 24 anos, sou formada em jornalismo pela Anhembi Morumbi. Tô nessa caminhada do jornalismo, desde os meus 16 anos, eu vou te falar que desde que eu nasci, porque meu pai é jornalista, então, eu convivo na área do jornalismo desde que eu me conheço por gente, por pessoa. Atualmente, eu trabalho em uma assessoria de imprensa de uma marca esportiva aqui no Brasil, trabalho na assessoria da Nike, mas eu já trabalhei em muitos lugares, já trabalhei em Agência Internacional, na Reuters, na Associated Press, na Agência F também, já fiz muita coisa, meu primeiro trabalho foi, eu atuei no Juventus, lá com os meus 16/17 anos.

I: Gabi, você comentou que agora você tá na parte de assessoria esportiva da Nike e para você, como que foi essa mudança, sair do jornalismo esportivo, do fotojornalismo, para uma assessoria, o que que mais te impactou? Quais diferenças ou semelhanças que tem nesse meio?

G: É bem diferente, porque é meio corporativo. Tá falando aí de uma marca multinacional, que você requer muitos detalhes. Você tem que pensar num 360, então, quando a gente faz alguma coisa, eu tenho que pensar também como o jornalista vai receber tal mensagem, porque não adianta montar uma mensagem em vista de uma empresa, se a gente não tiver, por exemplo, perguntas de outras, de algum jornalista. Então foi uma mudança muito radical, eu acho, porque é a primeira vez. Então, para mim foi uau, e, às vezes, eu nem acredito que eu faço o que eu faço, porque é muito legal e, tanto que eu nem gosto de comentar com ninguém, eu não, as pessoas, muitas não sabe, quem sabe é quem eu entrei em contato mesmo, para trabalho, job e tal, mas eu não gosto de expor, porque eu acho que, eu sempre penso assim, isso desde que eu comecei a trabalhar no esportivo, o jornalista não pode ser mais famoso do que a notícia.

I: A questão de torcedora, separar torcedora da jornalista, como que é? Você acha que você precisou deixar muito o seu time do coração de lado tanto de futebol quanto basquete, como que foi esse processo para você?

G: Ai pra mim é muito fácil, porque eu trabalhei num time de futebol, por mais que seja o Juventus. Eu aprendi muito a separar, porque quando você trabalha num time, num clube, você começa a ver como funciona a mecânica. Então você aprende muita coisa. É como se você saísse de uma Coca-Cola e fosse para Pepsi. Você trabalha, você trabalhou na Coca, mas você tá indo para Pepsi, isso não quer dizer que a Coca-Cola é pior que a Pepsi, não, porque você tá movimentando o mercado. Então, eu penso isso como um todo. Um dia eu posso ser uma torcedora x, mas eu posso trabalhar no Santos, ou posso trabalhar no Corinthians, no Palmeiras, no São Paulo, em qualquer clube, Flamengo, sei lá. Tem o fator torcedor, que ele pode ir nas suas redes sociais, mexer, vasculhar, ver um monte de coisa, tem o fator de que sou muito conhecida no meio, então, as pessoas sabem, mas eu acho que o que vale é o seu profissional, sabe. Eu acho que o jornalismo é você ser verdadeiro com os fatos.

ANEXOS

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Lívia Bruno de Abreu, abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 8 de novembro de 2022.

Assinatura: Lívia B. Abreu

_____

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu **Raffaella Carolina Fittipaldi Volpiana** , abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto,07 de novembro de 2022.

Assinatura: Raffaella Carolina.

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Gabriela Santos Nolasco , abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 7 de novembro de 2022.

Assinatura: _____

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Elaine Trevisan de Mendonça, abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 07 de novembro de 2022.

Assinatura: _____

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Jordana Bruna Gomes de Araújo , abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, _08_ de novembro de 2022.

Assinatura:

_____

UNAERP CURSO DE JORNALISMO

Universidade de Ribeirão Preto

Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Juliane Yameoka, abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal *e suporte material* que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou *do número de* utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na *Lei 9.610/98* (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 14 de novembro de 2022.

Assinatura: Juliana C. Yameoka

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu **Nathalia Ferrao** , abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de novembro de 2022.

Assinatura:

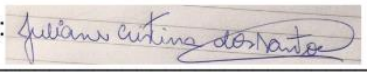
UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Juliane Cristina dos Santos, abaixo firmada e identificada, autorizo, Isabela Ap. Freschi Vidoto, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: AS CONQUISTAS DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS NO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000 e está sendo orientado pelo Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ('compact-disc" interativo), "home video", DAT (*digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 30 de novembro de 2022.

Assinatura: 

BRASIL FUTEBOL EXPO | Kalunga

Eu, Natalia Beatriz de Oliveira, assistida formada e identificada, autorizo Isabela Ap. Fuschi Vedato, estudante do curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar minha imagem, voz e também informações por mim prestadas para a elaboração de seu TCC, que tem como tema: A mulher no jornalismo esportivo: as conquistas das jornalistas esportivas no estado de São Paulo nos anos 2000, cujo o orientador é o prof. Dr. Jefferson Cruz de Barcellos.

26/11/2022

Natalia B. de Oliveira